

B R A S I L

W O O D



EDIÇÃO ZERO / JULHO 2020

TROPICANÁLIAS
FUTEBOL ARTE
CARNAVAL
FELICIDADE
CANDOMBLÉ
FAVELA PRAIA
BIKINI CAPOEIRA
BRASILIDADES

B R A S I L C L I C H Ê



MOOD

EDIÇÃO ZERO / JULHO DE 2020

Diretora Criativa Lucia Alves de Carvalho

Chefe de Redação Amina Bawa

Editora de Moda Raquel Mota

Colunistas

Alexandre Bárbara Soares

Alexandre Miguel Carneiro

Cassius Branco

Daniel Ramos

Gilberto Porcidônio

Joyce Lima

Marcelo Silva Ramos

Fotografia

Alonso Martinez

Mauro Pimentel

Rodrigo Okamura

Rômulo Tavares

Arte

Casé Mota

Gustavo Amaral

Kim Kurosawa

Palo Vitu

Pedro Carneiro

Sabrina Collares

Produção de Moda

Bianca Caravelos

Marina Trindade

Naya Violeta

Agradecimentos

Casa da Escada Colorida

Rafael Ourives

Thomas Azulay

BRASIL MOOD

LX & RJ

Lisboa, Portugal

+351 960300552

Rio de Janeiro, Brasil

+55 21 976482332

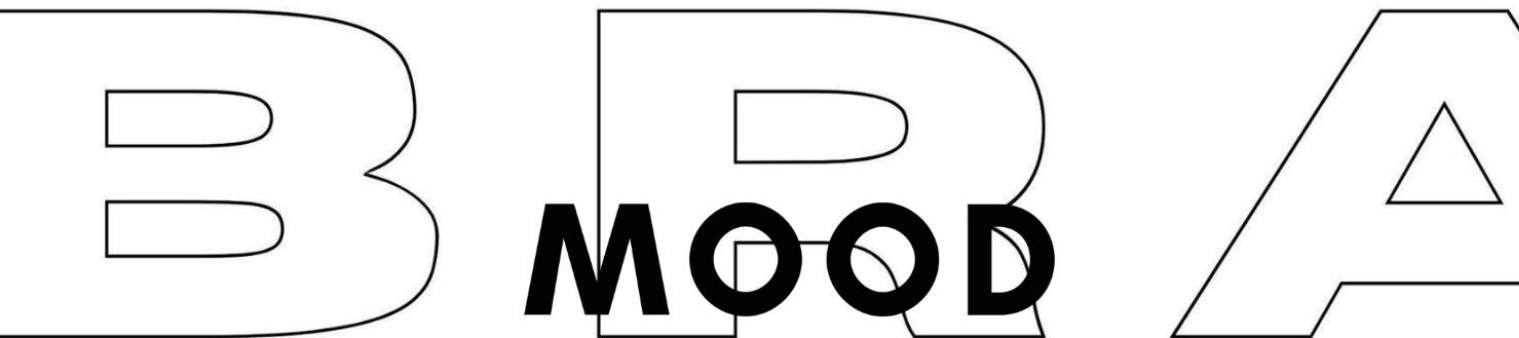
NOSSA PUBLICAÇÃO É **INDEPENDENTE**

Apoie as próximas edições

contato@brasilmood.com

brasilmood.com





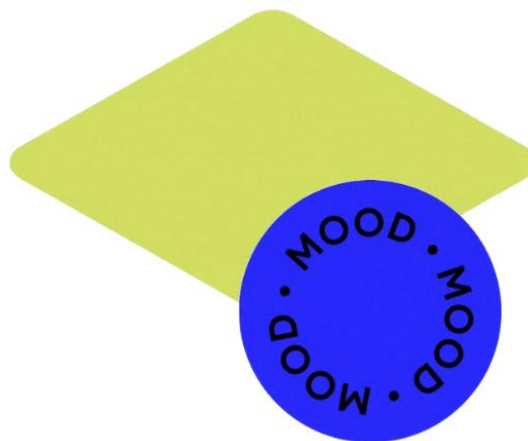
TRINTA E UM DE JULHO DE VINTEVINTE

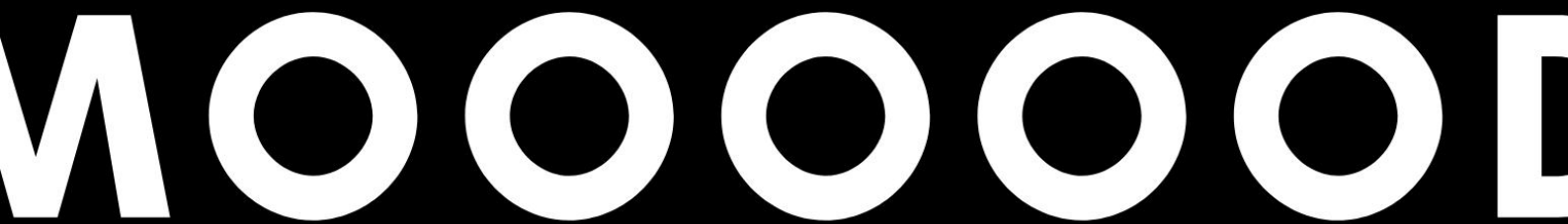
BOA NOITE, POVO, QUE EU CHEGUEI!

E aqui a gente se apresenta com muita alegria! No meio do caos palpitante, regido pelo signo de leão, nasce uma revista com a vontade de chamar pelo primeiro nome a arte e a cultura brasileira. Algo que só foi possível porque muitos sonharam junto comigo, em especial **Amina Bawa** e **Raquel Mota**, minhas companheiras nessa gestação. Amigos, colegas, conhecidos, tantas pessoas que se dedicaram, doaram seu tempo, acreditaram na arte, na criação, na energia da transformação, convertendo o caos e o desalento que pairava sobre nós em terreno fértil. A revista nasce com o intuito de alumiar cabeças, acalantar corações e alimentar a alma, com a promessa de trazer, a cada edição, uma pesquisa de comportamento que reflete o conjunto do clima intelectual, sociológico e cultural do Brasil daquele momento. Cutucar a ferida, mas também dar beijinhos pra sarar. Nosso propósito é falar sobre o Brasil estético, amoroso, inventivo, para o incentivo da cultura local como fonte criativa de conceito e inspiração que se conectem com a alma, autoestima e a identidade brasileira. Nosso **mood** é tupiniquim, canarinho, brasileiro. Do anglicismo: Estado de espírito. O ânimo. O humor. Nosso modo de sentir. O astral. A felicidade ou qualquer sentimento naquele exato momento em que você está. Divino e maravilhoso, o Brasil é opulento em inspiração. Temos cor, estampa, textura, gente extraordinária com sangue quente e vermelho como brasa. Vamos contemplar o Brasil estético, de alegria e alegoria, com um desbunde erudito e um toque de caos de uma contracultura popular. Nosso amor por este lugar é gigante pela própria natureza e mesmo quando estamos longe está sempre na nossa cabeça, alma e coração. O nascimento dessa revista revela a nossa esperança de que dias melhores virão e enquanto isso, seremos criativos e seremos resistência.

LUCIA ALVES DE CARVALHO

Pesquisadora de tendências em comportamento e consumo.
Diretora Criativa e Idealizadora da Revista de Pesquisa de
Comportamento e Cultura Brasileira, Brasil Mood.

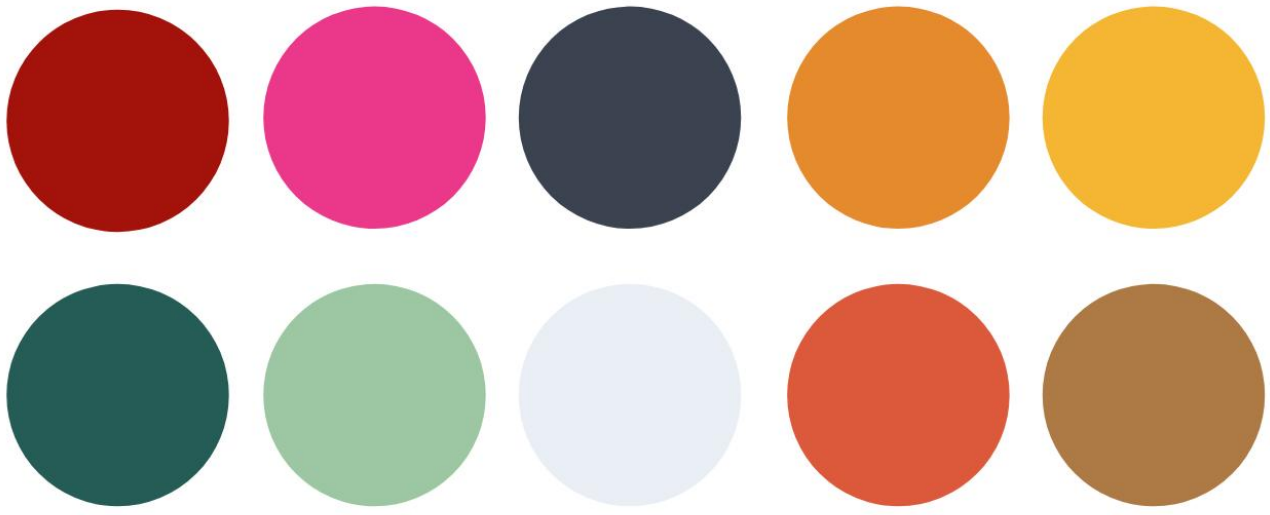




A relação que cada coisa tem apenas consigo mesma. O clichê imerso num sentimento intrínseco. A consciência. A circunstância de um indivíduo ser aquele que diz ser ou aquele que outrem presume que ele seja. Traços que constituem a identidade ou o meio envolvente exercendo influência sobre a conformação. Vendido como um vasto país sul-americano, que estende-se da abundante Bacia Amazônica, no norte, até os vinhedos e as gigantescas Cataratas do Iguaçu, no sul. O Rio de Janeiro, que não resume o Brasil, é o clichê supremo, simbolizado pela sua estátua de 38 metros de altura do Cristo Redentor, situada no topo do Corcovado, famoso em suas músicas pelas movimentadas praias de Copacabana e Ipanema, bem como pelo imenso e animado Carnaval, com fantasias extravagantes e samba. Estreitamos a relação dos estereótipos do Brasil com o vínculo de intimidade que essas tônicas são para o Brasileiro.

CLICHÊ

Λ O O O O O D





NOOD

85 PRAIEIRO POR RODRIGO OKAMURA

44 RIO DE JANEIRO, BRASIL POR ALONSO MARTINEZ

CAPTADOR

10 JABACULÊS POR GILBERTO PORCIDÔNIO

TROPICANÁLIAS

64 SANTOS NAYA VIOLETA

21 COLORIDA E INESPERADA BIANCA CARAVELOS

INSPIRAÇÃO

60 PASSISTAS POR JOYCE LIMA

36 A VIDA E O JOGO DE BOLA POR ALEXANDRE BÁRBARA

16 A FELICIDADE POR MARCELO SILVA RAMOS

CENÁRIOS

89 TEM NO BRASIL POR CASSIUS BRANCO

79 CAPOEIRA POR ALEXANDRE MIGUEL CARNEIRO

69 ORIXÁ POP POR JOYCE LIMA

54 FAVELA POR DANIEL RAMOS

RAÍZES

48 EU NÃO SOU O SPIKE LEE POR PEDRO CARNEIRO

30 O MITO POR SABRINA COLARES

13 BANDEIRA DO BRASIL POR GUSTAVO AMARAL

MANIFESTO

82 BAHIA POR CASÉ MOTA

72 ORIXÁS POR KIM KUROSAWA

55 GALERIA DE ARTE DE PALO VITU

ARTE

58 REFLEXÕES SOBRE O BIKINI POR RAQUEL MOTA

BRUTO

115 PARA CONHECER CASA DA ESCADA COLORIDA

108 BRASILIDADES YES, BRAZIL & PARADISE

93 MARCAS DO BRASIL ALEA

RADAR

112 TURISMO CLICHÊ POR ALEXANDRE MIGUEL CARNEIRO

GUIA



Jacobs, jacobitismos e jacobinês!

A POLÍTICA
TROPICANÁLIA
POR
GILBERTO
PORCIDÔNIO

"Nesta terra, em se plantando, tudo dá", relatou o primeiro correspondente internacional a pisar nessas terras. Ele estava certo. Qualquer ideia plantada aqui, em pós-Pindorama, nasce, cresce, se reproduz e nunca morre. E, em se tratando de política nacional, eis o supermatch. Instalado em terras tão tropicais, mesmo que não seja natural daqui, o clichê político, dentre a flora política, cresce como jaca. E cai como uma também.

Assim como todo clichê, não podemos subestimar o poder do phoder político, já que ele se esforçou muito para ocupar o lugar que conquistou. Porém, sem o toque nacional que faz a diferença em qualquer receita, isso não seria possível. Vamos começar do começo: homem branco europeu chega em terra de não brancos, dizima a população local através de chacinas e doenças, e se sente o dono do lugar. Em quantos lugares do mundo isso não ocorreu? Porém, em qual outro lugar a família real deste grupo resolveu morar de vez no lugar que ajudou a desconstruir? Busque pela memória (Google): que outra colônia virou a sede do império pelo mundo? Essa foi a nossa primeira jabuticaba política, ou seja, algo que só existe aqui.

O clichê da política nacional nasceu, de fato, com o devoramento do Bispo Sardinha, cuja alcunha já indica o destino, pelo povo caeté. Depois, veio a invenção do negro. Todos os sequestrados de África que vieram parar aqui foram chamados de negro. E por quê? Nenhum povo africano se chamava de negro. Porém, como eles já haviam pego a brancura para si, precisava existir o contraponto. E, assim, pessoas oriundas de milhares de etnias diferentes passaram a ser chamadas por apenas um nome. Mais clichê impossível.



**NÃO P O D E M O S
S U B E S T I M A R O
P O D E R D O
P H O D E R
P O L Í T I C O**

Com a invenção do negro, vieram-lhe os subclichês agregados a ele. Cachaça, comodismo, alegria, luxúria, preguiça. Trezentos e oitenta e oito anos de trabalho gratuito para ser atrelado aos pecados capitais mais censuráveis por aqui. E eis que nasce esse anti-herói nacional, o malandro, aquele que é julgado por ser obrigado a matar um leão por dia para sub-viver. Assim, a malandragem embarca como um ethos que ficou atrelado até hoje ao fazer político nacional. A malandragem política é outro clichê 100% nosso - política da qual, ironicamente, os negros estão praticamente afastados.

E EIS QUE NASCE ESSE ANTI-HERÓI NACIONAL, O MALANDRO

Eis outra jabuticaba deliciosa que nasceu de um fato inusitado. Em 1963, quando o país agregava para si todos os clichês da cultura francesa, menos os revolucionários, o diplomata brasileiro Carlos Alves de Souza Filho disse a um jornalista em Paris, durante um episódio conhecido popularmente como a "Guerra da Lagosta", que o Brasil não era um país sério. Porém, todos passaram a achar que a frase tinha sido cunhada pelo presidente francês Charles de Gaulle e, pimba, criamos outro hit.

Ainda antes, em 1950, Nelson Rodrigues já tinha chapuletrado o "complexo de vira-lata" que o brasileiro, teoricamente, sofre ao se comparar com as nações que seriam mais civilizadas, apesar do hábito do banho diário ser coisa nossa. Hoje, sabe-se que o vira-lata é o cão mais inteligente que existe e o vira-lata caramelo virou o maior símbolo nacional vivo. Chora, husky siberiano.

O clichê representa mais o Brasil do que futebol e samba e, na política, clichê é que nem chicle: se você mastiga e joga na rua, outra pessoa vai pisar e levar com ela sem nem mesmo perceber. É só olhar como o humor é capaz de catalisar todos os clichês políticos possíveis que já nasceram nessas terras e nos devolver em sua forma mais pura. Quer entender e conhecer todos clichês da política nacional? Procure os humoristas. Esse que, muitas vezes, a classe política não resiste a plagiar.

Gilberto Porcidonio é jornalista, escritor, roteirista e cientista social formado pela PUC-Rio. É repórter do jornais O Globo e Extra, da revista Época e colunista do Coletivo Pretaria. Especializa-se em cultura, humor e questões raciais.



ENTER THE VOID

BAZAR PROLAR 47 ARTIGOS PARA PRESENTES E
 UTILIDADES LTDA ME
 RUA CONDE DE BONFIM, 47, LOJA A
 TIJUCA, Rio de Janeiro - RJ
 CNPJ: 02.912.919/0001-87 I.E: 86099047

DOCUMENTO AUXILIAR DA NOTA FISCAL DE CONSUMIDOR
 E-SPRONICA

Item	Código	Descrição	Qtde	Un	Preço	Total
1	000000000000802	PAPÉIS FOLHA DUPLA	1,00	UN	R\$ 6,50	R\$ 6,50
2	000000000000005	PENLA OIRA EL PEQUENA AA	1,00	UN	R\$ 11,00	R\$ 11,00
3	000000000000762	PRESENTUPEAS DE PLA	1,00	UN	R\$ 4,00	R\$ 4,00
4	000000000000000	PRESENTE DO BAZAR	1,00	UN	R\$ 2,50	R\$ 2,50
QTD DE ARTIGOS					4	
VALOR TOTAL					R\$ 24,00	
VALOR IVA					R\$ 4,00	
VALOR TOTAL COM IVA					R\$ 28,00	

IMPORTANTE: PAPER!

PROCON RUA DA AJUDA, 5 CENTRO RJ TEL: (21) 151
 ALERJ-R. ALFAND: 8 CENTRO RJ TEL: (21) 25881418
 Tributos: Forte IBPT
 Trio aprox R\$ 2,82 federal, R\$ 4,67 estadual e R\$ 0,00 municipal
 CAIXA: 001 OPERADOR: ROOT
 LM INFORMATICA 3.0
 (21) 3301-9200
 WWW.LMINFORMATICA.COM.BR



Tributos Incidentes Lei Federal 12.741/12 7,60

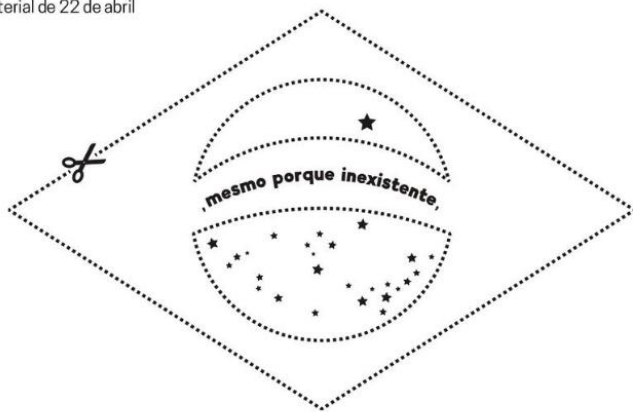
PROCON RUA DA AJUDA, 5 CENTRO RJ TEL: (21) 151
 ALERJ-R. ALFAND: 8 CENTRO RJ TEL: (21) 25881418
 Tributos: Forte IBPT
 Trio aprox R\$ 2,82 federal, R\$ 4,67 estadual e R\$ 0,00 municipal
 CAIXA: 001 OPERADOR: ROOT
 LM INFORMATICA 3.0
 (21) 3301-9200
 WWW.LMINFORMATICA.COM.BR

Em manifestação recente, destaquei que as Forças Armadas estão, ainda que involuntariamente, sendo chamadas a cumprir missão avessa ao seu importante papel enquanto instituição permanente de Estado.

Gilmar Mendes, ministro do STF, em nota oficial do dia 14 de julho

Também não constato ofensa ao direito à intimidade dos agentes públicos que participaram da reunião ministerial em questão, mesmo porque inexistente, quanto a tais agentes estatais, qualquer expectativa de intimidade.

Ministro Celso de Mello, em decisão judicial que retirou o sigilo do vídeo da reunião ministerial de 22 de abril



Gustavo Amaral é designer natural e residente no Rio de Janeiro e integra atualmente a equipe da Revista Época. Curioso pelas interseções entre política, sociedade e na prática artística como método terapêutico. Faz paródias nas horas vagas e nas preenchidas.

@gustavodamaral



Sua declaração grosseira, falaciosa, desprovida de qualquer senso ético, de humanidade e de respeito, merece nosso profundo desprezo, repúdio e asco.

Não somos mercadores da morte.

Trecho de nota do dia 6 de junho do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) em repúdio à afirmação de Carlos Wizard de que os números de mortos pela Covid-19 poderiam estar sendo "inflados"



A FELICIDADE DOS BRASILEIROS

POR MARCELO SILVA RAMOS

A descontração, a informalidade, o riso solto, o modo de tocar, abraçar e beijar nas interações cotidianas, a pouca roupa, a beleza, a sensualidade e a liberdade dos corpos expostos ao sol são imagens ou representações, mais associadas ao lifestyle do litoral brasileiro, que compõem o imaginário sobre o jeito de ser *made in Brazil*, fazendo da felicidade (e do corpo) símbolos centrais da brasilidade. Nascido no subúrbio da Cidade do Rio de Janeiro, longe do litoral, vivi a infância e parte da adolescência distante de muito do que compõe as representações dessa felicidade carioca - brasileira, as quais tinha acesso apenas pelas imagens da TV.

Estava mais próximo, no entanto, das representações de “povo feliz” relacionada à uma coesão grupal existente entre famílias de uma comunidade, bairro ou rua e que contribui para o imaginário do brasileiro receptivo, acolhedor e solidário.

Como antropólogo, pude me aproximar e compreender melhor o universo das classes médias da Zona Sul do Rio de Janeiro, por meio de estudos sobre mudanças nos papéis de gênero, relacionamentos afetivos e sexuais e cultura do corpo nesses segmentos sociais.

Há 11 anos, no entanto, passei a pesquisar, de forma mais ampla e, ao mesmo tempo, específica, a felicidade dos brasileiros, ouvindo homens e mulheres, de diferentes faixas etárias, pertencentes às classes médias de grandes centros urbanos do país. Tudo começou com uma pesquisa nacional que buscou explorar a felicidade cotidiana de indivíduos residentes em oito das principais capitais brasileiras. Nesse estudo, os participantes foram levados a observar o seu dia a dia e a destacar momentos de prazer, bem estar ou felicidade vividos ao longo de uma semana. Cada pesquisado produziu um diário de felicidade, uma espécie de Instagram analógico, composto de registros escritos e fotográficos dos momentos vividos. A análise desse material e de centenas de entrevistas realizadas posteriormente, permitiram destacar alguns padrões recorrentes no discurso dos pesquisados sobre felicidade: A dificuldade, declarada por eles, de encontrar felicidade nas atividades rotineiras; A ênfase nas situações extraordinárias como promotoras de felicidade; A valorização das atividades de lazer e tempo livre em oposição às atividades de trabalho e às obrigações diárias;

A dificuldade para verbalizar, elaborar e aceitar a tristeza, as frustrações e as emoções negativas; a tendência de tratar a felicidade como um estado de satisfação a ser alcançado, de forma plena, no futuro.

Vale ressaltar que, apesar dos padrões observados, não existe uma forma única de perceber, descrever e avaliar a felicidade, que é fruto das relações sociais e do contexto e apresenta variações conforme as correntes de tradições culturais às quais os indivíduos pertencem, às classes e papéis sociais, ao momento ou fase da vida, entre outros marcadores sociais.

NUMA SOCIEDADE HEDONISTA, DIZER QUE NÃO É FELIZ É ADMITIR FRACASSAR

No entanto, em mais de uma década de pesquisa, pouquíssimas vezes recebi a resposta “eu não sou feliz” ao questionar os meus pesquisados sobre a sua felicidade. Ao conversar com as pessoas que se disseram não felizes, a reflexão desenvolvida por elas se aproximava muito do que o psicólogo israelense Tal Ben-Shahar define como sendo uma “aceitação ativa” das experiências e emoções negativas. Numa sociedade hedonista e competitiva, na qual a felicidade é idealizada e se tornou uma exigência e responsabilidade de cada um, dizer que é não feliz é admitir fracassar numa busca que é, de fato, inglória. Aceitar as tristezas e buscar um sentido ou as felicidades possíveis em meio às frustrações pode significar uma verdadeira libertação.

Seguindo esse linha de reflexão, é possível pensar no quanto determinadas imagens ou representações de felicidade (e brasilidade), como às relacionadas ao corpo, impactam a vida dos indivíduos.

Há alguns anos, ao conceder uma entrevista, na praia de Ipanema, a uma rádio suíça, fui questionado sobre a real dimensão do culto a determinado modelo de beleza

e corpo no Brasil, já que os corpos ali observados eram mais diversos e “fora de forma” do que o meu discurso e determinados indicadores, com o consumo de remédios para emagrecer, o número das cirurgias plásticas com finalidade estética, entre outros, faziam parecer. No entanto, mais importante do que os corpos reais observados é o corpo ideal e as crenças, inclusive na felicidade que ele pode promover, em diferentes esferas da vida social, que movimentam essa cultura do corpo.

O culto à beleza, juventude e boa forma física, o temor à velhice e o horror à gordura, alimentados pela proliferação de imagens de corpos jovens, magros, cada vez mais musculosos e nus, que se intensificou nas últimas décadas do século XX, atinge um número sem precedentes de homens e mulheres permanentemente insatisfeitos com as suas aparências.

Os corpos mais expostos, em trajes de banhos, esportivos ou em roupas adequadas ao clima quente, parecem confirmar a ideia de que se vive no Brasil uma grande liberdade física e sexual. No entanto, um olhar mais cuidadoso sobre essa cultura do corpo permite enxergar nela os signos de uma moralidade que, sob a aparente liberação e descontração, prega a conformidade a determinados padrões estéticos: Um corpo “em forma”, jovem, magro ou sarado, sem marcas (rugos, estrias e celulite) e sem excessos (gordura e flacidez).

No início dos anos 2000, desenvolvi um estudo, com a antropóloga Mirian Goldenberg, sobre a valorização desse modelo de corpo nas camadas médias do Rio de Janeiro, publicado no livro “Nu&Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca”. Esse estudo teve origem em uma pesquisa quantitativa sobre relacionamentos afetivos e sexualidade nessas camadas sociais. Nos resultados desse estudo, o corpo apareceu entre as três respostas mais citadas pelos 1279 homens e mulheres pesquisados, quando questionados sobre o que mais admiram, invejam e o que mais os atrai no sexo oposto e no mesmo sexo.

Dez anos mais tarde, pude verificar, a partir dos resultados da pesquisa nacional sobre a felicidade cotidiana dos brasileiros, citada anteriormente, que esse

“Corpo”, valorizado, invejado, admirado e desejado pelos indivíduos que pesquisamos em 1998 é também objeto de desejo, inveja e fonte de felicidade para muitas mulheres e homens, de diferentes faixas etárias, nas principais capitais do país.

Mulheres gordinhas que lutam para emagrecer, muitas vezes abusando de medicamentos contra a ansiedade e para a redução do apetite. Mulheres relativamente magras que se acham gordas e desejam, principalmente, uma barriga lisa. Mulheres com seios pequenos que querem colocar próteses de silicone para ostentar seios maiores e usar decotes. Mulheres que dizem ter tendência a engordar, que vivem fazendo dietas e, por isso, dissociam prazer e alimentação.

Mulheres que não gostam dos seus cabelos cacheados/ encaracolados e que gastam e fazem o que for preciso para mantê-los lisos. Meninas muito magras na adolescência que desejam engordar para ter um corpo tipo violão; Mulheres jovens que usam cremes anti-idade e que se submetem aos mais diversos tratamentos e terapias corporais, visando uma pele lisa, sem celulites, estrias, flacidez ou gordura localizada. Mulheres que não conseguem ter intimidade com seus parceiros e fazer sexo de luz acesa por estarem insatisfeitas com os seus corpos. Mulheres maduras que querem aparentar menos idade e que gostariam de ser como as mais jovens. Mulheres solteiras que acreditam que com um corpo em forma é mais fácil conseguir e segurar um namorado ou marido. Mulheres casadas que dizem que cuidam do corpo para não perderem o marido para uma mulher mais bonita e mais jovem. Mulheres que são e já foram amantes de homens casados e que justificam a traição dos maridos por serem elas mais atraentes e sedutoras do que as esposas gordas, velhas e desinteressantes. Mulheres, de diferentes idades, que estão em permanente luta contra o envelhecimento e a gordura, e que estão sempre incomodadas com mínimas imperfeições, acreditando que o corpo idealizado as faria mais felizes. E não são apenas as mulheres que acreditam passar pelo corpo a sua chance de terem mais amigos, seduzirem, atraírem os olhares dos outros, aumentarem a sua “autoestima” e serem mais felizes.

Encontrei também, entre os homens pesquisados, jovens que admitem invejar o corpo musculoso e com abdômen tanquinho de outros homens. Adolescentes que dizem ser introvertidos, retraídos, ter poucos amigos e não ter tido muitas namoradas em consequência da sua forma física, acreditando que, com um corpo sarado a situação mudaria. Homens jovens que fazem lipoaspiração para se sentirem mais a vontade com o seu corpo e com as mulheres. Homens gordinhos que não querem ser mais o “gordinho amigo” e apostam nas dietas e na malhação para se tornarem “pegadores”. Homens muito magros que desejam ficar fortes para atrair os olhares femininos. Homens cada vez mais fortes, malhados ou sarados, adquiridos por meio de dietas rigorosas, da prática intensiva de exercícios físicos e do uso de anabolizantes e, ainda assim, se enxergam “fracos”. Homens maduros que acreditam que as mulheres estão mais preocupadas com o seu dinheiro do que com a sua aparência, mas que gostariam de ter um corpo forte e atlético.

ESSA CULTURA DO CORPO PERMITE UMA MORALIDADE SOB A APARENTE LIBERAÇÃO E DESCONTRAÇÃO

No clássico ensaio sobre “As técnicas do corpo”, o sociólogo francês Marcel Mauss nos ajuda a compreender o mecanismo de difusão de determinados modelos sociais de corpo e o lugar central que esses modelos possuem na vida dos indivíduos pesquisados e no ideal de felicidade de muitos brasileiros. A ideia de “imitação prestigiosa”, presente no texto, é boa para pensar uma época que projeta com grande eficiência e abrangência, ideais de corpo e beleza a serem imitados, novas sexualidades e modelos de conjugalidade a serem experimentados e receitas de sucesso e felicidade a serem seguidos, tudo permeado pelo conflito entre os novos comportamentos masculinos e femininos e os

resistentes valores relacionados aos tradicionais papéis e representações de gênero. Como afirma Mauss, é por meio da educação (familiar, escolar e midiática) e de acordo com as épocas, com as modas e com os prestígios que os indivíduos imitam atos (e corpos) percebidos como bem sucedidos e que conquistaram autoridade sobre eles. O modelo de corpo e beleza, os modos e modas adotados por top models, celebridades e artistas de TV e cinema, brasileiros e estrangeiros, são alvos de imitação por estarem associados ou terem contribuído para o enriquecimento, a fama e o prestígio social dos seus portadores. Tudo se dá, como destaca o sociólogo francês, por meio de um mecanismo que parte do social, da projeção social sobre o indivíduo, passa pelo psíquico e se inscreve no corpo.

Num país onde muitas fortunas, especialmente no campo das artes e dos esportes, foram construídas com base no capital físico dos indivíduos, permitindo-lhes uma ascensão social provavelmente nunca alcançada a partir de outros capitais, não é difícil compreender o mecanismo sócio - psico - biológico dessa "imitação prestigiosa" de que nos fala Mauss. Não se pode ignorar também o papel que as redes sociais, como canal de difusão dessas imagens-norma, assumiram na última década, modelando as representações do Eu e impactando as percepções de felicidade de muitos brasileiros.

REDES SOCIAIS SÃO CANAL DIFUSOR DESSAS IMAGENS- NORMA

Atualmente, durante o distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19, foi possível ratificar, graças ao que se pode observar por meio das redes sociais, essa valorização do corpo na nossa cultura. As atividades físicas, antes feitas ao ar livre e em academias de ginástica, passaram a ser realizadas, por muitos, dentro

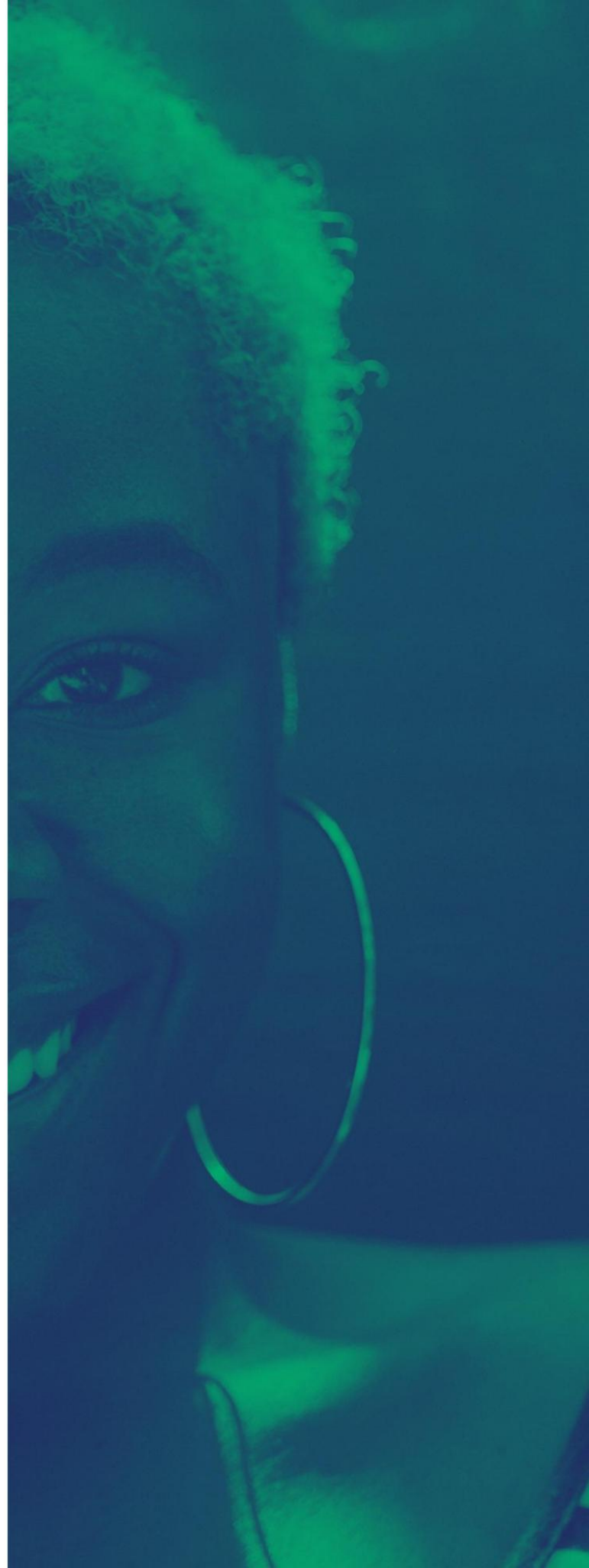
de casa, com o auxílio de equipamentos portáteis, cordas, elásticos e halteres, e de vídeo aulas ou lives conduzidas por personal trainers. Com a falta das imagens registradas nas ruas, praias e parques, os registros de corpos com pouca roupa, dentro de casa, a fim de exibir os atributos físicos, também ganharam espaço nas postagens de homens e mulheres. Por outro lado, os memes com imagens relacionadas aos resultados da possível falta de cuidados com aparência e a forma física durante o isolamento também proliferaram.

O aumento de peso devido à ansiedade, excesso de comida e comportamento sedentário é um dos principais motivos desses memes, servindo para lembrar, de forma jocosa, os cuidados que precisam ser tomados para se evitar uma aparência descuidada e um corpo fora de forma pós quarentena. Considerando os impactos dessa cultura do corpo, uma jovem designer de moda, produtora de conteúdo digital, negra e moradora da chamada "Baixada Fluminense", escreveu em um post no Instagram, abaixo de uma foto do seu corpo, com todas as suas "imperfeições", sem disfarces: **"mais ou menos 20 dias atrás, em uma consulta, fui pesada por um médico (que, sinceramente, não tinha porque me pesar) e descobri que engordei entre 8 -12 kg na quarentena. Eu sou uma mulher bem grande e minha gordura se espalha proporcionalmente pelo meu corpo. 10 kg a mais ou a menos não significa muito na minha estrutura. Mesmo assim, para uma pessoa que passou a vida controlando as gramas perdidas ou ganhadas duas vezes por dia, o fantasma da balança as vezes assombra. Meu peso sempre foi muito maior do que o das minhas amigas porque é isso: eu sou GRANDE em todas as proporções e mesmo quando eu estive magra, ainda assim eu era muito mais pesada que elas. Meu peso sempre me constrangeu muito, sempre causava espanto nessas pessoas. A verdade é que desde que eu priorizei a minha saúde (física e, principalmente, emocional) ao peso do meu corpo evitei ao máximo a balança e comecei a aceitar os sinais que meu corpo dava. Nesse período de isolamento, passei por muitos momentos de sombras, com episódios depressivos e, junto com eles, a compulsão alimentar. E não é por menos."**

"No meio dessa pandemia toda, eu estou com medo por mim e pelas pessoas que eu amo. Muito medo. Como eu disse pra um amigo, esses episódios são como uma onda que vem e depois vão embora, eu sempre penso nisso. Meu corpo é fluido, engorda, emagrece, me sustenta durante as crises e também sai delas. Ele é meu amigo e, com sussurros em forma de "vontade de", ele me ajuda a entender quando alguma coisa está bem e quando não está. E assim eu vou vivendo... Com meus mais ou menos 10 quilos ganhados na quarentena não me sinto menos bonita, menos sexy, menos capaz, menos eficiente, menos vitoriosa, menos feliz... menos nada. Me sinto apenas na certeza de um peso que eu sei que vai embora naturalmente da mesma forma que chegou. Me sinto feliz em saber que eu engordei e não me sentir culpada, me sinto feliz de não me sentir envergonhada, me sinto feliz de não me sentir perdedora e incapaz. Percebo agora, durante esse texto, que essa é a minha maior vitória durante esses dias de isolamento. Estou orgulhosa por compartilhar. Juliana, 26 anos, 1,73, 110 kg".

Nas palavras do neurologista e psiquiatra austríaco Viktor Frankl, no livro "Em busca de sentido", a felicidade não está fora, mas dentro de nós. É derivada da liberdade interna necessária para transcendermos a situações adversas e não renunciarmos ao sentido ou significado mais profundo que essa situação e a vida pode ter pra nós, promovendo, assim, uma transformação de si, mesmo quando não é possível mudar o contexto.

Marcelo Silva Ramos é antropólogo. Há 25 anos desenvolve estudos na área da antropologia com experiência profissional na realização de estudos prospectivos, de tendências tecnológicas, mercadológicas e de comportamento e consumo. Se dedica também à compreensão da felicidade de brasileiros concentrando-se em temas como: Gênero e Masculinidade, Relacionamentos afetivos e sexuais; Cultura do corpo; Consumo e Felicidade.






C
O
L
O
R
I
D
A
E
S
I
N
E
S
P
E
R
A
D
A

Bianca



Bianca Caravelos é designer de acessórios na @eloacessorios e comunica uma moda livre, colorida e inesperada. Gosta de misturar materiais e brincar com texturas.



Suas inspirações vem da natureza e das pessoas. "Sempre foi e sempre será minha maior inspiração. Pessoas sorrindo, produzindo, comunicando... adoro observar"




Foto: Thais Monteiro







A woman with dark, wavy hair is the central figure, looking directly at the camera with a slight smile. She is wearing a vibrant, tropical-themed swimsuit with a rainbow-colored waistband and a blue and white floral pattern. Over her shoulders, she wears a light blue, sheer cover-up with a white polka-dot pattern. She is standing in a lush, tropical environment with large green palm fronds and other foliage in the background. The lighting is bright and natural, suggesting an outdoor setting. The overall mood is relaxed and summery.

Seu maior orgulho é a **Elo**, sua marca de acessórios que ela mesma cria e faz a mão cada peça. "Foi preciso coragem pra abandonar a minha profissão antiga (farmacêutica) e começar algo do zero. Felizmente, hoje estou em um relacionamento estável com a moda."



This is not Americano



Make copo de boteco again

O MITO

Esta coleção se inspira no folclore tradicional brasileiro, na construção dos mitos fundadores nacionais e em figuras políticas importantes no Brasil. Em sentido antropológico, os mitos fundadores seriam a solução imaginária para suavizar tensões sociais e encontrar formas de navegar nelas, enquanto que o mito fundador em seu sentido etimológico se refere à história de feitos lendários de uma comunidade. Por se referir a um momento passado imaginário, os mitos fundadores permanecem vivos e presentes no decorrer do tempo. Sob diferentes significados, o mito pode se repetir indefinidamente e se apresentar cristalizado no imaginário e na prática da sociedade. Essas obras alegóricas são infundidas de sarcasmo e elementos que repercutirão no imaginário do Brasileiro. O objetivo desta coleção é propor uma reflexão mais profunda sobre os temas retratados, nossa própria ancestralidade com o povo Originário e as questões que podem ocorrer quando não temos uma compreensão mais clara de nossa própria história.

SABRINA COLARES



Curupira

(Luís Inácio Lula da Silva) 2019
colagem e acrílico sobre papel
21,0 x 29,7cm



Vitória-Régia

(Dilma Rouseff) 2019

colagem e tinta sobre papel

21,0 x 29,7cm



Velho do Saco

(Fabrício Queiroz) 2019
colagem e tinta sobre papel
21,0 x 29,7cm



Mula-sem-cabeça

(Jair Messias Bolsonaro) 2019
colagem e tinta sobre papel
21,0 x 29,7cm

Sabrina Collares é uma artista nascida no Rio de Janeiro, Brasil, em 1985. Ela se formou em 2018 com um BA (Hons) Fine Art da Universidade de Middlesex em Londres. A artista está se especializando em cultura e arte pós-colonial, assim como a influência da linguagem visual na descolonização das narrativas tradicionais eurocêntricas. Sabrina trabalha com uma variedade de meios, tais como desenho, pintura, acrílicos, colagem, escultura, etc.

Ela participou de mais de 15 exposições coletivas, destacando-se o 'Festival de Mulheres Latino-americanas nas Artes (FLAWA)', o 'Mundo Latinx' no London College of Fashion, ambos em 2019, o 'VIA Arts Prize' na Sala Brasil da Embaixada do Brasil em Londres e a exposição 'Latin America Myth Deconstruction' na The Crypt Gallery em 2018.

Em dezembro de 2018, Sabrina recebeu uma menção honrosa do Júri do Prêmio Via Arts por sua escultura *Raízes do Brasil*. Também em 2018, a artista recebeu o prêmio Jean Fisher Award for Outstanding Academic Achievement na Universidade de Middlesex. Atualmente, ela se prepara para iniciar um Mestrado em Cultura Pós-colonial e Política Global na Goldsmiths em Londres.



Corpo-seco

(Sérgio Moro) 2019
colagem e tinta sobre papel
21,0 x 29,7cm

E U N

V O U

S U C U

M B I R

Foto: Naya Violeta - "é o poder"



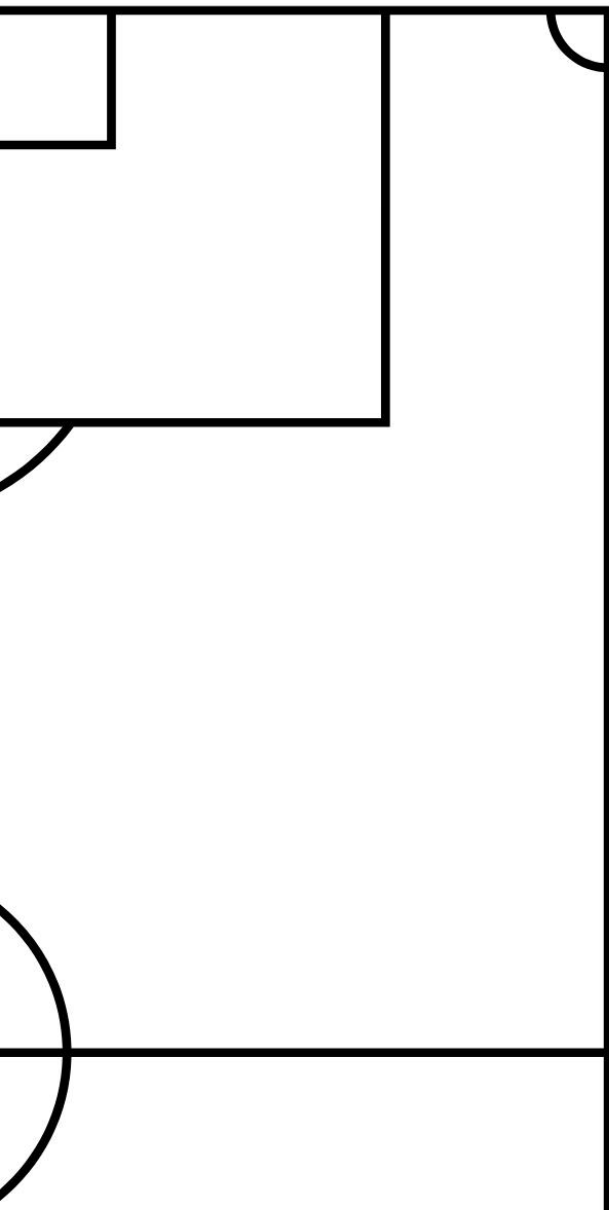
A V I D A E O
J O G O D E
B O L A

(OU O FUTEBOL COMO METÁFORA DA VIDA)

ALEXANDRE BÁRBARA SOARES

Era uma tarde quente de Fevereiro de 1988. Meu pai havia morrido algumas semanas antes. E o Flamengo jogaria contra o Volta Redonda pelo campeonato carioca. Os amigos bateram lá em casa, mandaram que me trocasse e me levaram pra Gávea, onde seria jogada a partida. Aquela era a primeira vez que eu saía de casa desde a morte do coroa e também a primeira vez que revia minha galera da escola. Lembro até hoje daquele jogo como uma espécie de recomeço. O Flamengo venceu, mas era o que menos importava.

O modo como constituí uma memória afetiva da vida e de meu percurso por ela é entremeada e pontuada por minha relação com o futebol. Dias especiais e pessoas marcantes, anos bons ou ruins, trabalho, amores, tudo isso se torna imagem na memória através da presença do futebol. Aprendi com Eduardo Galeano que o futebol é o espelho do mundo. Para ele, as emoções coletivas se fazem festa compartilhada, sem dar explicações nem pedir desculpas. Mesmo que se cante e decante teorias sobre o futebol, compreendê-lo passa pela experiência de um corpo afundado em meio à multidão, por um grito de gol engasgado por anos na garganta, pelo choro compulsivo por um título muito desejado ou por uma derrota muito sofrida, pelo sobe e desce por arquibancadas e bancadas de estádios mundo afora, pelos abraços suados que se disseminam entre desconhecidos como vírus pelo ar durante o momento eterno de um gol.



Talvez, por isso, o futebol seja mesmo a coisa "mais importante entre as menos importantes". Muito provavelmente, o futebol jamais tenha sido algo além da força motriz de entretenimento das classes trabalhadoras. Mas continua sendo um das mais importantes expressões de identidade cultural coletiva, dessas que em plena era de globalização obrigatória nos recordam que o melhor do mundo esta na quantidade de mundos que o mundo contém.

Toda crítica em torno do futebol por parte de intelectuais e desafetos do esporte se organiza, muitas vezes, em torno de uma falsa premissa: de que há um investimento de energia ou desejo de um contingente gigantesco de pessoas em uma direção (o jogo do seu time de coração, um campeonato, etc) que captura ou inviabiliza a ação de mudança social (participação política, organização de base, busca por informação, etc). Ou seja, para um grupo grande de pessoas, se o cara tem uma vida difícil, constrói-se uma obrigação quase moral (como se alguma obrigação não fosse, sempre, moral) de abdicar de qualquer dimensão da vida que não seja a construção cotidiana e constante de ferramentas de enfrentamento à sua situação de exclusão, subordinação ou sofrimento. Assim, enquanto ele torce desesperada e mortalmente por seu time de futebol, não "percebe" que é explorado, sacaneado, humilhado e roubado. Ou, pior, "deixa de fazer algo" contra isso.

Ao mesmo tempo, impõe-se sobre as pessoas uma agenda de lutas que muitas vezes se apresenta pouco operativa, em curto prazo, no dia a dia destas. Claro que lutar por democracia e contra as opressões de classe, compreender os trâmites que compõe um Estado sectário e parcial ou produzir e informar-se sobre direitos fundamentais é importante, vital. Mas nem sempre tais ações garantem, imediatamente, aos sujeitos, a transformação da situação de opressão. Demandam tempo, luta e coletivização para começar a mexer em estruturas opressoras seculares. E a vida das pessoas segue dura, árdua e árida enquanto isso.

Já a paixão, não demanda nada. Ela só se estabelece e, por curtos períodos de tempo, como as substâncias alteradoras da consciência, muda tudo. Absolutamente tudo. Se muitas vezes o futebol é acusado de “alienar” as pessoas de suas condições de vida, pouco se reflete sobre o quanto o futebol torna possível suportar vidas insuportáveis. Torna possível passar sem adoecer por momentos tão sombrios quanto os que estamos vivendo, no Brasil e no mundo. O futebol tem sido, ao longo de um século, um traço identitário e afetivo central entre as classes trabalhadoras do planeta. Seja nos subúrbios de Buenos Aires às fábricas de Pequim, passando pelos portos do norte da Inglaterra ou pelas selvas africanas, o futebol integra, aproxima, possibilita uma janela por onde os desiguais se comuniquem. O futebol é parte de nossa cultura de classe, um mosaico de rituais coletivos e conversas públicas em um mundo profundamente individualista, um lugar onde nos misturamos socialmente, que trata do “nós” e não do “eu”. (Glodblatt, 2018).

**O FUTEBOL TORNA
POSSÍVEL SUPORTAR
VIDAS INSUPORTÁVEIS.**






Sempre que penso nisso lembro certa noite, enquanto assistia a um jogo do Flamengo em um bar perto de casa, quando pude conversar com o seu Paulo. O chamo carinhosamente de "Silva", face à semelhança dele com o Batuta, antigo jogador do Mengão. Era Flamengo e Palmeiras. Seu Paulo é um coroa de seus sessenta e poucos anos, sem os dentes superiores da frente, trabalhador braçal da região, que bate ponto no bar que também frequento, quase todos os dias. Conversamos sobre o Flamengo, sobre jogadores antigos, sobre a tática do jogo, nos abraçamos efusivamente no gol do Mengão. Ao final, permanecemos uma hora conversando sobre futebol, comidas, temperos, ele me contou histórias sobre pratos do Nordeste. Junto de nós, um rapaz visivelmente alterado, vestes sujas, empobrecido, pedia cigarro e comentava e sofria conosco naquela partida infinita. Ao final veio me dar um abraço suado e sincero, feliz, apertado. Ao fundo, da cozinha, "a tia", que sempre faz a comida do bar, sorria e fazia piadas conosco durante o jogo.

Penso nisso porque o futebol e o meu clube nunca fizeram com que minha vida mudasse completamente, em suas condições materiais concretas. Pelo contrário. Tenho dívidas e, permanentemente, problemas financeiros devido a meu amor incondicional por meu time. Mas anos de arquibancada e geral, afundado em meio a uma massa de pessoas pobres e apaixonadas pela mesma coisa que eu, forjaram de maneira inexorável meu caráter e o que me tornei. E permitiram ser possível momentos como os daquela noite narrada acima, e outras posteriores, quando ao me despedir do Silva, ouvi dele: "semana que vem tamos juntos aqui, irmão!"

**SEU LUGAR NO
CORAÇÃO DAS
CLASSES
TRABALHADORAS
DO PLANETA É
INTOCÁVEL.**



Quando se assiste a uma partida de seu time do coração, seja no estádio ou no bar, na casa dos amigos ou pela vitrine de uma loja de eletrodomésticos, compartilhamos algo. Pode não ser a revolução socialista, nem o acesso mágico à consciência da exploração pelo trabalho. Mas um afeto simbólico e concreto, que se sobrepõe aos modos lineares de operação do comportamento e do sentimento em um mundo em que as relações cada vez mais são marcadas pela performance e desempenho. E talvez, e justamente por isso, nestes momentos, as fronteiras de classe e raça entre nós se tornam mais fluidas, porosas, ainda que presentes. E não só nos aproximamos como nos tornamos, por um período efêmero, um "comum". E se tem algo que aprendi com a psicologia foi que não se faz uma vida e não se estabelecem laços humanos apenas pela via da consciência. Como coloca o mestre da cultura popular brasileira, Luiz Antônio Simas, não se faz festa porque a vida é boa, mas pela razão inversa. A capacidade de fazer "festa na festa" é o que permite inventar outros mundos e subverter a miséria.

Todas as fotos que compuseram esse texto são de Alonso Martinez. Conheça mais do seu trabalho na página 44.

Outra vez, estava tomando café em Casablanca, Marrocos. Vestia uma camisa do Flamengo. O rapaz do hotel veio à nossa mesa nos servir e comentou, baixinho, quase pedindo desculpas: “Brasil”? E frente à resposta afirmativa com um sorriso acolhedor, iniciou-se um diálogo sobre a admiração daquele jovem africano pela seleção brasileira de 1982, Zico, Ronaldo, Neymar. Outra feita, em Manchester, em um pub, assistia a uma partida do Flamengo pelo tablet, aproveitando o wi-fi do bar. Um homem velho se aproxima, pergunta quem está jogando, sorri e comenta: “é um negócio incrível o futebol, né”? Ali começava um papo que varou a noite, regado à cerveja e histórias daquele velho hooligan, torcedor do Manchester City. O futebol é ferramenta universal de comunicação e vínculo.

Não é o único, talvez nem seja o mais importante. Mas seu lugar no coração das classes trabalhadoras do planeta é intocável. Galeano também me ensinou que o futebol se parece com Deus, na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais. Para mim e muitos, o que futebol permite é “estar junto”, “com” as pessoas. Se o liberalismo contemporâneo vive da promessa de que podemos tudo sozinhos, que só dependemos de nós mesmos, que o melhor dos mundos é aquele onde não precisamos de outro ser humano, o futebol abre uma janela por onde a presença do outro é indispensável, fundamental, estruturante da experiência. Poucas coisas desnudam tanto a cultura de um povo quanto sua relação com o futebol.



Alexandre Bárbara Soares é psicólogo,
Doutor em psicologia pela UFRJ,
professor do departamento de psicologia
da UFF (Volta Redonda) e passou os
melhores momentos de sua vida nas
arquibancadas de concreto e na geral do
antigo estádio do Maracanã.



INSERT MOEDA

PRESS
JOGAR

04:55

ARGENTINA

0-77

BRAZIL

06:46

LUCIA ALVES

Carboni
FW 9

0-0
ITALY

Fuerte
FW 7

Allejo
FW 7

Santos
MF 8

Carboni
FW 9

BRAZIL

0-0

GERMANY

BRAZIL

DIRT F.K. RESET TEXT



- 11
- Vincento
- Paco
- Cicero
- Roca
- Santos

da Silva
Ferreira

SPEED
DASH
SHOTPOWER

SPEED
DASH
SHOTPOWER

CURLSKILL
INTELLIGENCE

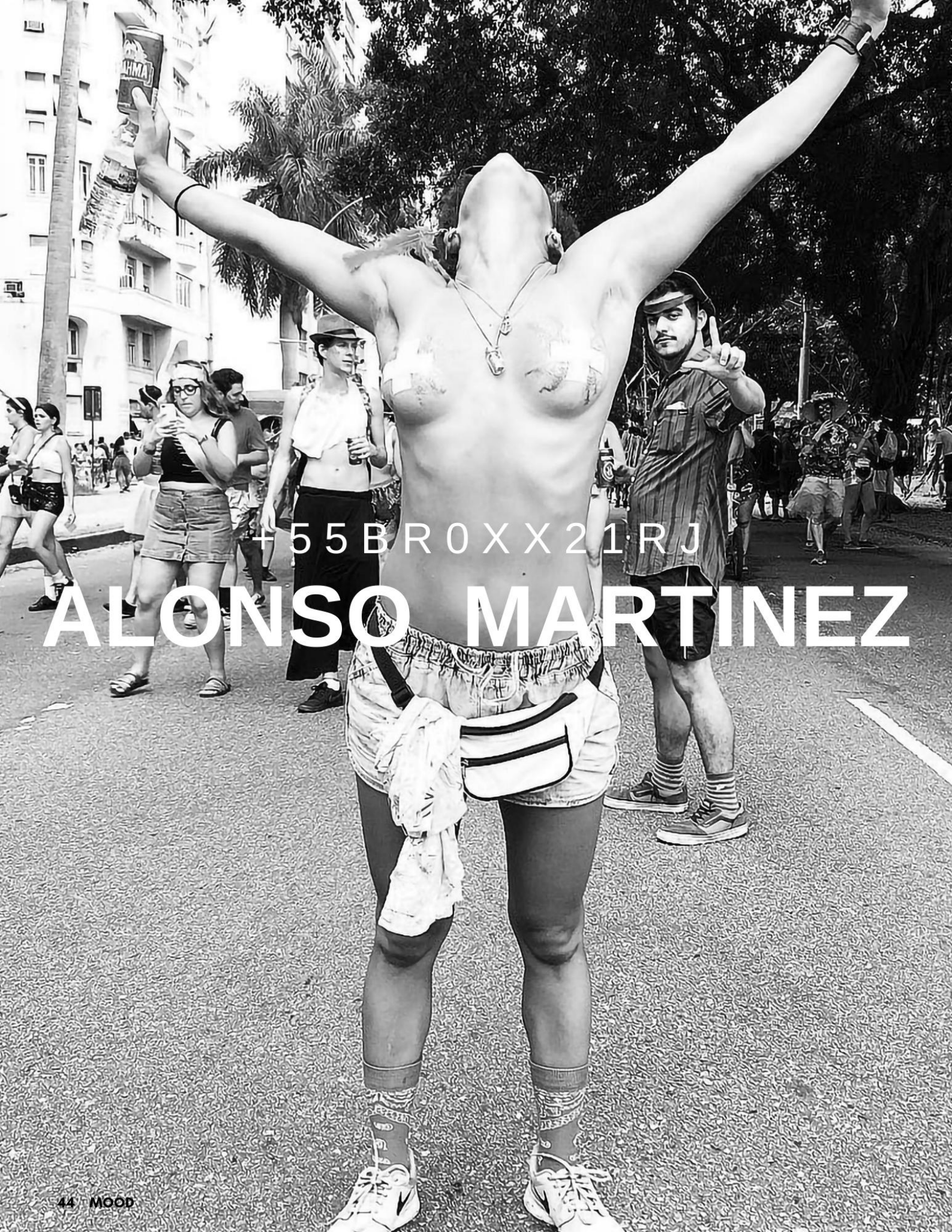
CURLSKILL
INTELLIGENCE

BALANCE

BALANCE

BALANCE

Parulla
perdido



+55 BR0XX21RJ

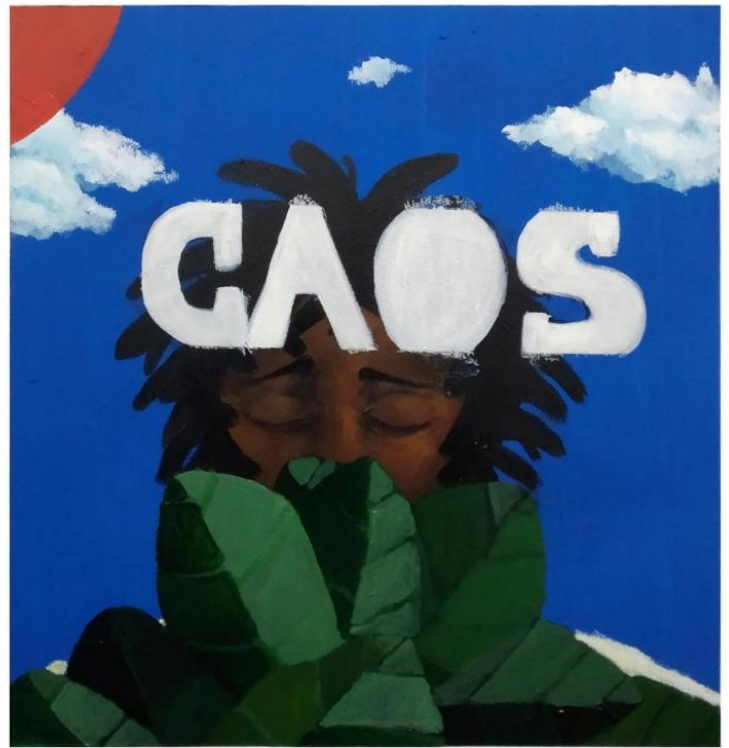
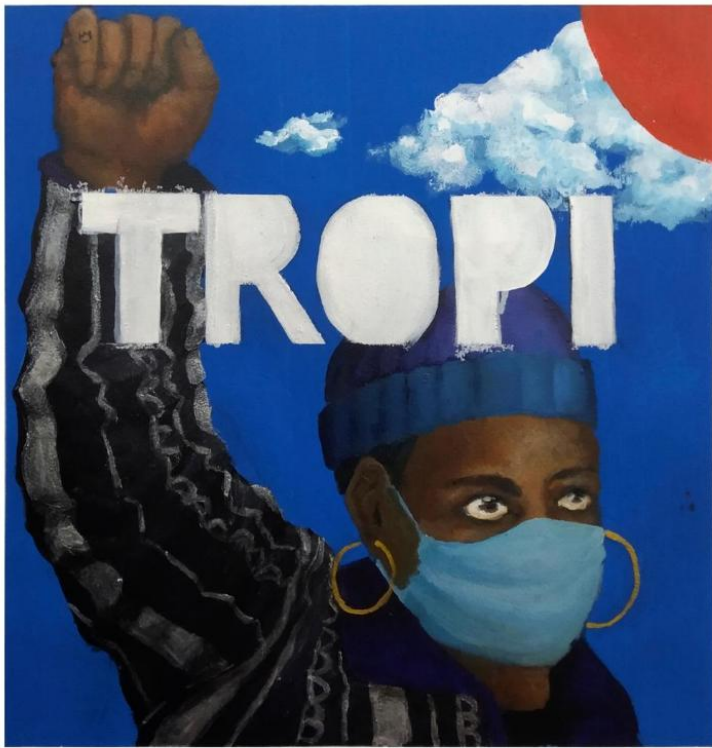
ALONSO MARTINEZ



Alonso Monteiro Martinez é biólogo por formação e com 10 anos de experiência em arte digital, em 2010 decide abrir seu próprio atelier em sociedade com Marcelo Jácome, na antiga fábrica da Bhering no Rio de Janeiro, onde ficou até 2016. Se volta também para um olhar fotográfico e soma os elementos da arte digital e design com a fotografia de cotidiano. Sua formação acadêmica o levou a um olhar sistemático e metódico da natureza, bem como do cotidiano urbano. A obra do fotógrafo traz uma visão estética na totalidade de seus elementos, visão, luz e composição, e às vezes, um olhar sobre a obra de outros artistas, com o objetivo de criar uma segunda obra, coletiva e quase neo-dadaísta. Nos últimos anos se converteu a direção fotográfica no cinema e na TV, com trabalhos nos canais GNT, Bis entre outros. Hoje, possui trabalho autoral exclusivamente em preto e branco e sobre o substrato das plataformas digitais.







DESCULPA, BRASIL, EU NÃO SOU O SPIKE LEE

TEXTO E ARTE DE PEDRO CARNEIRO

Meu sonho sempre foi ser um herói. Eu queria o pacote completo, todo o pacote de superpoderes que você poderia imaginar e acredite, imaginei, porém estar aqui... isso eu não imaginei.

Na verdade até essa semana eu continuei sem imaginar, mas quer saber? Minha imaginação é muito limitada. Tão limitada que ela nunca me fez pensar que uma ema poderia atacar o Presidente da república, como ela poderia acertar então sobre o meu destino?

Precisamos falar sobre o filme/seriado chamado Brasil!

Ouso dizer que no Brasil só o Belchior estava certo. Ano passado de fato eu morri, mas esse ano eu não pretendo, inclusive escrevo daqui, para aí, avisando a todos, todas e todes. Não pretendo morrer e digo mais: pretendo que ninguém mais morra, afinal eu já morri em outro ano e morri quando o Marcus Vinicius morreu, morri quando a Ágata morreu, morri quando falaram para ficarmos em quarentena e mesmo assim continuaram a nos matar. Mas esse ano eu não pretendo morrer, tenho muito o que viver, se o presidente luta contra uma ema, eu luto para acreditar que eu vou escrever um bom texto, mesmo não acreditando. Alguns dirão, problemas de autoestima... Eu respondo: "Óbvio!" Não quero falar agora sobre autoestima, na verdade, eu nem sei dizer o que de fato é isso, parece uma coisa tão nova que eu nem sei se ela existe mesmo. Tanto não sei que fiquei muito tempo olhando para uma tela em branco me convencendo a escrever. Por que na minha cabeça, você não estaria interessado em ler. E tá tudo bem, mas eu vou escrever mesmo assim.

Passado esse infeliz clichê de me convencer que eu posso ter o mínimo de qualidade na escrita, eu não escrevi nada. Dei o play aleatoriamente em uma das minhas playlists.

Eu estava falando sobre autoestima, mas o Djonga já falou tão bem. Acho que você deveria escutar "CORRA", do seu álbum "O menino que queria ser Deus". Tá tudo ali ou pelo menos grande parte. É bem melhor do que eu escrevendo, depois você pode procurar outras obras para se aprofundar, mas essa música, ah, essa música... Eu poderia falar com você sobre esse disco agora, em uma mesa de bar, mas não podemos. Vamos marcar alguma coisa então mais para frente, sei lá, uma chamada de vídeo?

Eu não queria falar sobre racismo hoje, mas esse mal me atravessa e eu acabo falando dele sem perceber.

Na verdade o racista fala de mim sem eu perceber também. Eu tinha pensado em falar sobre escrever uma carta de amor, mas esse roteiro de trama política (extremamente previsível) sobre o filme/seriado chamado Brasil, me pegou. Não no bom sentido, mesmo eu que gosto de filme e seriados que tem uma narrativa muito comum, me incomodo com a construção do roteiro que virou o Brasil. Você pode não concordar, mas a verdade é essa. O roteirista do Brasil perdeu a criatividade. Temos um vilão/presidente muito caricato, um povo apático e um guru que em toda sua sabedoria de ensinar tudo para você não se tornar um idiota, transformou a todos os discípulos em idiotas. É tudo de tamanha surrealidade nas ações desses personagens que perdemos a naturalidade, o fato; o real é ir contra a natureza dos fatos. Ao meu ver, essa construção narrativa beira o mesmo clichê de um racista que se justifica falando que tem um amigo negro ou um parente distante preto.

N

O

S



RACISTAS

Sente o quadro: um “líder” de uma nação ergue a caixa de um remédio como se fosse um troféu e uma “multidão” vibra. Se eu vejo essa cena em um filme iria imediatamente comentar, tentando conter o riso: **“Me parece uma tentativa desesperada do autor de conseguir a atenção criando uma cena tão absurda, mas tão absurda que parece que fui eu que escrevi.”** A pessoa para quem eu comentaria iria me mandar calar a boca imediatamente e continuaríamos assistindo essa comédia de absurdos.

Eu não sei porque, mas esse discurso cheio de símbolos vazios me faz recordar uma frase que eu escutei muito na minha vida, frase essa que já surgiu várias situações, principalmente quando o debate é racismo.

A frase. Aquela maldita frase. **“Você nem é tão negro assim.”** As pessoas que não me conhecem e estão lendo o texto: **“Então ele é negro...mas não é tão negro?”**

Pausa dramática.

Nesses dois momentos eu imagino uma pausa no som ambiente. Entra a voz do narrador, como nos filmes do Padilha, descrevendo que nada faz sentido. E algum palavrão no meio, para dar impacto à fala:

- Que PORRA é essa?!

O lugar comum está no fato de que um homem (não precisamos escrever nomes) criou uma fantasia em que ele descobriu a cura para uma pandemia. Da mesma forma, uma outra pessoa, que pode ser esse mesmo homem, criou uma nova profissão: *sommelier* racial.

Neste momento existe um corte. Um PM barrigudo, talvez já um capitão, com algum histórico de atleta entra em uma sala de aula, ajeitando suas calças que parecem estar caindo. Ele aponta para um indivíduo qualquer e fala:

- **O seu tom de pele é mais amendoado, então eu não posso afirmar que você é negro, mas pode ser que você andando na rua seja confundido com um bandido e venha a óbito. Tome uma dose de Cloroquina e tudo vai ficar bem, tá okay?**

Devo dizer que tem um grupo focado em melhorar o serviço de *sommelier* de limpeza étnica. Desculpa. Me perdi. Desculpa se você não está gostando do texto, desculpa mesmo, na verdade essa culpa nem é minha, é culpa do PT. Eles inventaram as cotas e dividiram o Brasil. Sério, um cara branco me falou isso outro dia, ele disse que inclusive não existia racismo até a redemocratização e os comunistas tomarem o poder. E ele até comentou comigo que não era racista e que a empregada dele até passava o natal com a família dele.

Eu falei que não iria falar sobre racismo, mas estou aqui escrevendo como se fosse o próprio Spike Lee, e sabemos muito bem que não existe nenhum Spike Lee no Brasil, disseram isso até em uma entrevista. Mania chata é essa de buscar um artista americano no Brasil, eu não vejo ninguém procurando o Manoel Carlos¹ dos Estados Unidos, mas aqui em terras brasileiras tem que ter um gênio igual a um gênio americano, me pergunto se essas pessoas não se questionam quantos dos nossos gênios já perdemos ano passado e não podem ter a escolha de se negar a morrer esse ano.

¹ Este texto contém ironia.



No final quem estava certo mesmo, foram os Racionais quando lançaram “Sobrevivendo no Inferno” e agora o capeta tá sentado na cadeira de presidente.

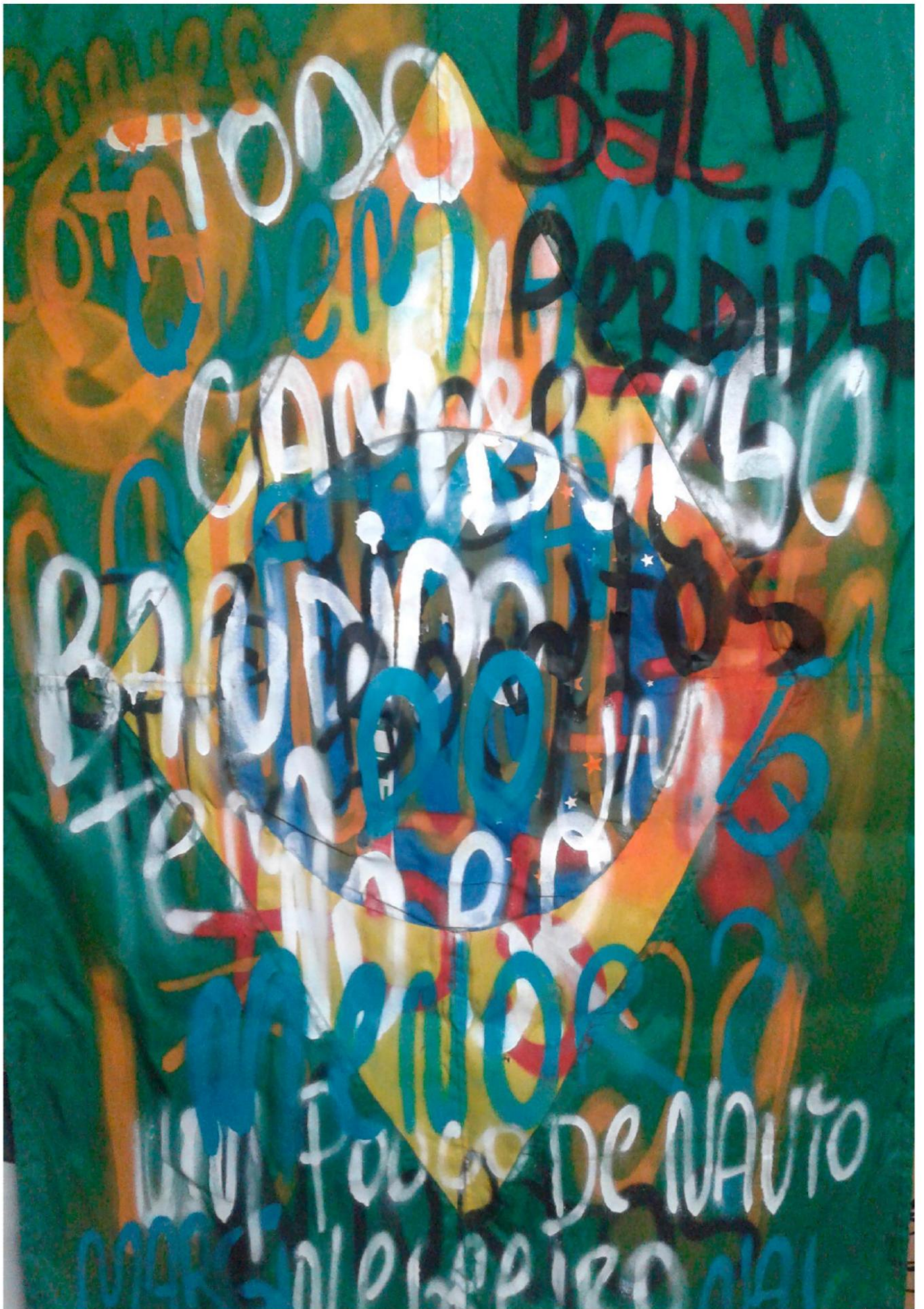
Me desculpa mais uma vez, eu fui para tantos caminhos que me perdi nos meus próprios pensamentos e nem me apresentei. Meu nome é Pedro, prazer em te conhecer.







Pedro Carneiro (1988, Rio de Janeiro) trabalha e mora no Rio de Janeiro, Brasil. Desenvolve em seu trabalho questões relativas às relações humanas e raciais em conflito nos espaços urbanos. É através de pinturas, intervenções territoriais e espaciais, desenhos e light design que seus trabalhos constróem uma imagem em reflexo à histórias reais/irreais tendo como ponto de partida o reencontro com sua ancestralidade, buscando o seu entendimento como indivíduo negro na sociedade atual. Revela-se a dicotomia muitas vezes invisibilizada pelo silêncio que é imposto a população negra, fazendo-os esquecer de suas alegrias e do seu AXÉ. Os trabalhos surgem da ruptura e do confronto do artista com os impactos visuais e sonoros. É a através de signos da cultura pop mescladas com imagens da herança diaspórica afro-latina que Pedro Carneiro compõe sua obra.



TODOS BALA

PERDIDA

CAMBIO

DIFERENTE

MEJOR

Foco DE NAVIO

MAR

HOJE SOMOS MENOS POBRES GRACAS AO QUE O MORRO NÓS DEIXOU

DANIEL RAMOS

Cnidocolus quercifolius ou Favela é o nome de uma planta de origem endêmica do Brasil, encontrada popularmente entre os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia, Pernambuco, Piauí e São Paulo. Hoje, a injustiçada planta caiu para segundo plano no imaginário daqueles que pronunciam o seu nome; agora, atrelado diretamente a uma estrutura arquitetônica e social muito presente em nosso cotidiano - "Um assentamento urbano informal densamente povoado caracterizado por moradias precárias e miséria." - segundo a Wikipedia esta é a definição de Favela.

Logo, chamo o leitor ao mesmo questionamento ao qual me impus. Ao pensar na palavra Favela, qual é a primeira coisa que lhe vem a mente? Peço perdão a planta que tão solenemente emprestou seu nome, mas não é a ela que minha mente me dirige. Peço perdão também, aos jornais que nos lembram todos os dias dos absurdos que ocorrem nas favelas que varrem todo o território nacional, a estes também, não sou dirigido automaticamente que a palavra Favela, me encontra as sinapses.

Num ato de permissividade e completa abstração, com uma caneta Bic imaginária, desenhei a palavra Favela em minha mente. Que em súbita resposta, me carregou automaticamente a música de Cartola (Sala de recepção mais especificamente) não foi mágica, foi apenas automático... Logo em seguida pensei em girias - Gíria não dialeto, como diriam Racionais Mc's.

Pensei em projetos, em união, em resistência. Marielle Presente! Minha mente, de repente, se tornou um fulgor de referências e memórias que moldam minha cidade, meu país e até a forma que vivemos. E que são, antes de qualquer coisa, Favela. Essa riqueza de energia e vivacidade conseguem sobrepor qualquer visão deturpada que se tenha criado em minha mente da etimologia dessa palavra tão forte.

Dessa imersão, não retornei menos consciente das dificuldades e desigualdades que vejo nas favelas da minha cidade, ao contrário, retornei ainda mais impressionado com a força de minha gente, que conseguem, mesmo com todas as mazelas apresentadas, impor sobre nós a força de sua cultura e sua arte. Inibindo até mesmo o ímpeto preconceituoso aferido ao nome popular da Cnidocolus quercifolius e hoje emprestado as comunidades do mundo todo.

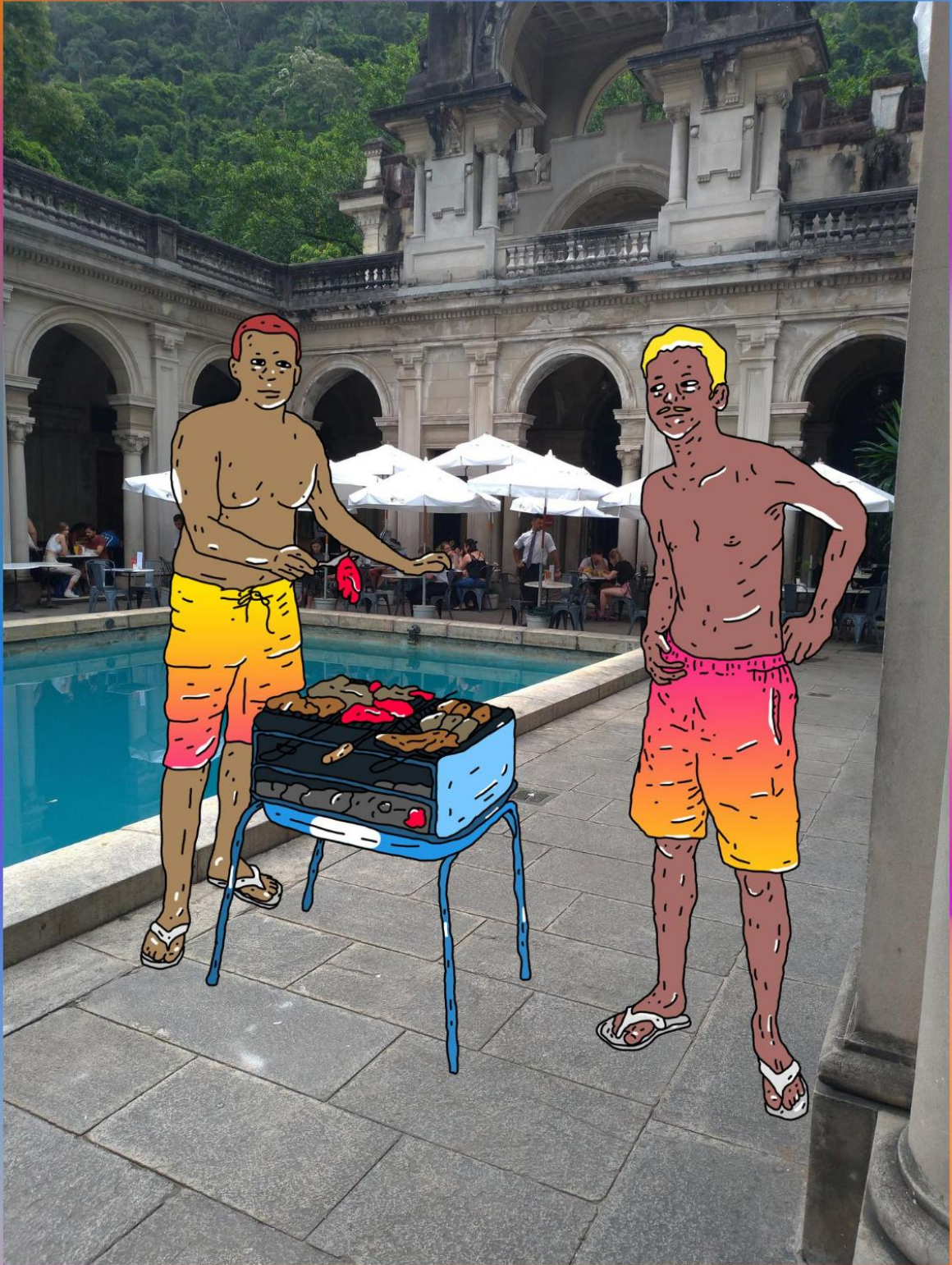
E se a única característica que não é questionada sobre a favela é a presença da pobreza que há nela, depois dessa viagem, posso dizer fidedignamente: somos menos pobres graças ao que o morro nos deixou. E você? Qual é a primeira coisa que lhe vem a cabeça quando você escuta a palavra Favela?

Daniel é comunicólogo, roteirista e um ávido pesquisador cultural. Especialista quando o assunto é criar narrativas relevantes para a web. Não a toa, já rodou de Cambridge à Ny School of Arts estudando métodos de diálogo e escrita. Sempre em busca de um novo projeto, hoje, além de seu trabalho como roteirista, ele também comanda a @bota.caju uma página focada em democratizar o acesso a arte.

PALO VITU



PALO VITU



PALO VITU





PV DIAS É UM ARTISTA PARAENSE QUE VIVE ENTRE O RIO DE JANEIRO E O PARÁ, COMUNICÓLOGO, MESTRANDO EM CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO E COM FORMAÇÃO PELA EAV PARQUE LAGE NO PROGRAMA FORMAÇÃO E DEFORMAÇÃO DO ANO DE 2019. SUA PESQUISA PENSA NA ESTRUTURAÇÃO DAS IMAGENS DE UM TERRITÓRIO E EM POSSÍVEIS RASURAS NESTA ESTRUTURAÇÃO. JUNTO A ESSA FRENTE, INICIA-SE TAMBÉM UM TRABALHO SOBRE INTERVENÇÕES EM VIOLÊNCIAS COLONIAIS DOS LUGARES POR ONDE O ARTISTA PERCORRE CAPTANDO REGISTROS, LUGARES QUE SE DIVIDEM ENTRE AMAZÔNIA E O SUDESTE DO BRASIL. DE 2013 A 2015, PARTICIPOU DA ORGANIZAÇÃO DO FESTIVAL DE AUDIOVISUAL DE BELÉM. E EM 2019 FOI DESTAQUE NA REVISTA ELETRÔNICA VICE; PARTICIPOU DE EXPOSIÇÃO COLETIVA 'ARTE NAIF: NENHUM MUSEU A MENOS', NO PARQUE LAGE, RIO DE JANEIRO, COM CURADORIA DE ULISSES CARRILHO; FOI ENTREVISTADO PELA REVISTA DOBRA, DE PORTUGAL; ASSINOU A CAPA DA ANTOLOGIA POÉTICA 'POESIAS PARA SE LER ANTES DAS NOTÍCIAS' DA REVISTA CULT; INTEGROU A UMA EXPOSIÇÃO COLETIVA NO ESPAÇO CAIXA PRETA, COM CURADORIA DE RAFAEL BQUEER. TAMBÉM EXPÔS NO INSTITUTO GOETHE DA BAHIA, COM CURADORIA DO TIAGO SANT'ANA E NO ESPAÇO PENCE, COM CURADORIA DE SILVANA MARCELINA. EM 2020, PARTICIPOU DA EXPOSIÇÃO ESTOPIM E SEGREDO NO PARQUE LAGE, COM CURADORIA DE ULISSES CARRILHO, GLEICE KELLY E CLARISSA DINIZ.



PROTAGONIZANDO
OUTROS FUTUROS.



PASSISTAS

PARA ALÉM DO
ESTEREÓTIPO

MUITO MAIS DO QUE MULATAS

JOYCE LIMA

*Foto de Queila Mara pelo
fotógrafo Mauro Pimentel.
Praia de copacabana, 2018*

“Pai, quero desfilar na Estação Primeira de Mangueira”, Carlos Roberto, meu pai, ficou sabendo do meu desejo em – finalmente – integrar uma escola de samba. Como diz um ditado muito popular no Brasil, **“Quem sai aos seus, não degenera”**. Dessa forma fiz valer a herança paterna, afinal, Carlos Roberto foi por bons anos passista de diversas escolas do Rio de Janeiro. Escrevendo isso, vocês leitores imaginam que a autora é uma negra, certo? Sim, certa resposta. Mas, até que ponto essa correlação passista x preta se torna nociva?

“Samba aí para gente ver?”, “Ah, eu sabia que você era passista!”, essas são algumas das afirmações ouvidas quando relato que já fui passista (por um breve tempo) nas escolas de samba cariocas Mangueira e Paraíso do Tuiuti. No entanto, pasmem: há pretas, de diversas “pretitudes” (estou falando carinhosamente de colorismo, *risos*), que não sabem sambar, ainda que a sociedade cobre isso. Há pretas maravilhosas que não sambam e não gostam de Carnaval, acreditem.

Para escandalizar ainda mais a opinião pública: há pretas que sambam incrivelmente, defendendo o pavilhão (a bandeira da escola de samba) na garra e no amor e, paralelamente, são universitárias, mestras, doutoras, intelectuais, guardas municipais, comunicólogas, professoras, administradoras, dentre outras tantas carreiras profissionais. O fato é que causa estranheza termos mulheres com infinitas especializações, para além do samba no pé, ou termos outras que não possuem a menor afinidade com esse universo, devido ao estereótipo arraigado quando se trata de mulheres negras e o Carnaval brasileiro.

C A U S A
E S T R A N H E Z A
T E R M O S M U L H E R E S
C O M I N F I N I T A S
E S P E C I A L I Z A Ç Õ E S ,
P A R A A L É M D O
S A M B A N O P É





É claro que se olharmos para o Carnaval sob recorte das escolas de samba, especialmente as cariocas, vemos claramente a relação com a historicidade preta, sobretudo, no Rio de Janeiro, onde o surgimento das agremiações está estreitamente ligado à organização urbana (com o nascimento das comunidades, local ocupado majoritariamente por negros), às expressões e tradições culturais afro-brasileiras. Então é preciso considerar esse viés identitário.

Porém, quando falamos em categorizar mulheres não brancas, saímos dessa esfera e entramos em outras mais complicadas, como o racismo e o machismo. E nós mesmas reproduzimos isso, uma consequência estrutural. Um bom exemplo é um fato ocorrido em um concurso, que já é questionável, realizado por uma emissora de televisão no qual seria escolhida uma mulher para ocupar o papel de uma personagem carnavalesca que faz alusão à passista – a clássica “mulata do samba”. Na ocasião, uma atriz publicou uma foto sexualizando todas as candidatas. Fica o questionamento sobre o então papel da passista.

Por que, a passista seria uma figura relegada à hipersexualização no Carnaval? Temos ícones que contribuíram para a história das agremiações, como Nair Pequena, uma das fundadoras da Mangueira, que morreu sambando há 50 anos; Maria Lata D'Água, que atravessava a avenida se equilibrando com uma enorme lata d'água na cabeça defendendo a Portela; e Pinah, que apesar de não se considerar passista ou musa, foi destaque da Beija-Flor de Nilópolis, responsável por receber o Príncipe Charles em visita ao Brasil.

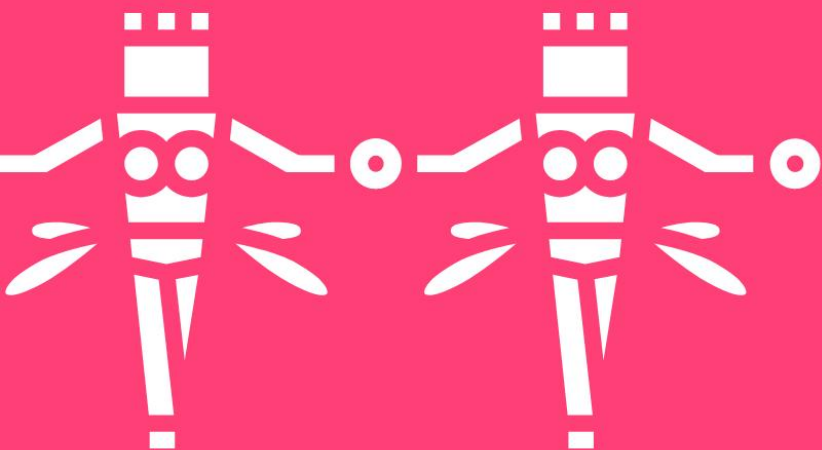
Nesta nova geração, há figuras que hoje assumem o posto de realezas das escolas, mas, que começaram como passistas, como é o caso de Evelyn Bastos, rainha da bateria da Mangueira, extremamente atuante em causas sociais e raciais; Viviane Araújo, cria de Padre Miguel, onde iniciou sua trajetória na Mocidade Independente de Padre Miguel e atualmente é rainha da Acadêmicos do Salgueiro; e Raissa Oliveira, que começou ainda nova, passando do posto de passista mirim para rainha da Beija-Flor, aos 12 anos de idade.



É P R E C I S O S E G U I R , E N ã O N E C E S S A R I A M E N T E S A M B A N D O , P A R A O C U P A R E S P A Ç O S .

Retornando ao Carlos Roberto, meu pai passista (os homens também integram as alas de passistas e fazem par com as mulheres, desempenhando aquele samba malandreado, bonito de se ver), pude ouvir muitas de suas histórias na Avenida Marquês de Sapucaí (onde desfilam atualmente as escolas do Rio). Aprendi com ele, por exemplo, que o principal papel do passista em uma escola é sambar bonito, no compasso da bateria, evoluindo com graça para não permitir que buracos sejam formados quando esta entra no recuo (localidade destinada à bateria na avenida).

Portanto, somos muito mais, para além de mulatas, de corpos pretos. Com respeito à figura de Sargentelli, a quem foi premiado com a alcunha de “mulatólogo” por descobrir e projetar mulheres pretas na mídia. É necessária duas vezes a recusa em ser “mulata”, uma vez que este é um termo racista utilizado no período escravagista para designar escravizados de carga e porque não somos carnes baratas à disposição. É preciso seguir, e não necessariamente sambando, para ocupar espaços.



Joyce Lima é jornalista por formação e atuação, segue firme e forte nesse propósito há 8 anos, desenvolvendo escritas a partir do que sente, do que vivencia e de suas pesquisas. Sua caminhada é também laboratório de informações. Sambista e candomblecista, visa escurecer as coisas versando com a cultura de sua origem afro brasileira e com povos tradicionais de matriz africana.



SANTOS

NAYA VIOLETA



NARRATIVAS

Criada em 2007, a marca leva o nome artístico de sua criadora, a designer Naya Violeta, profissional que adota como perspectiva para as suas criações o olhar pessoal e afetivo, assim como o caráter auto-biográfico e narrativo, elementos que juntos permeiam as pesquisas visuais e de tendências para a marca.

NAYA VIOLETA



Através da moda, Naya vem atuando em diferentes setores, com colaborações em áreas como o cinema, a música, o teatro e a dança.





ORIXÁ POP

DE OGUM A OXALÁ: VOCÊ CONHECE O PANTEÃO DAS DIVINDADES IORUBÁS?

Texto por Joyce Lima

Orixá está na moda, orixá é pop hoje em dia, não é? Importante frisar. Mas, se tratando de divindades africanas, para quem carrega a ancestralidade de povos iorubás em seus caminhos, integrando os povos tradicionais de matriz africana, orixá é bem mais do que arquétipos, embora isso também tenha a sua relevância. E tem mais, o brasileiro, um dos que cultua esses ancestrais, é muito chegado na “macumbaria” e, ao mesmo tempo, no catolicismo.

A maioria dos brasileiros é batizada na igreja católica, mas, tradicionalmente tem aquele pé no terreiro (local onde se cultuam religiões de matriz africana). Esse é um retrato mais comum do que se pensa e, especialmente, da população carioca, da qual a jornalista aqui que vos escreve faz parte. Tudo isso é uma profusão cultural embasada na estrutura social (nada romântica, já que é cheia de meandros por colonização exploratória e escravagista, com vestígios fortes de racismo e desigualdade social).

Como os orixás se tornaram pops no Brasil?

Os orixás se popularizaram no Brasil quando passaram a ser atrelados às expressões culturais afro-brasileiras. Um dos percussores é o conhecido babalorixá Joãozinho da Goméia (falecido em 1971). Iniciado para lansã, Joãozinho da Goméia foi um dos responsáveis por abrir um pouco das tradições ancestrais africanas e levar para o público conhecimentos como danças e gestuais relacionados aos orixás, fora dos ritos religiosos.

A indústria fonográfica também contribuiu para a projeção das divindades, com inúmeras músicas populares brasileiras que mencionam os orixás



Coleção SANTO - Naya Violeta

eternizadas nas vozes de grandes nomes como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Virgínia Rodrigues, Margareth Menezes, Carlinhos Brown, e tantos outros. Artistas como o escritor Jorge Amado e o pintor Carybé também foram importantes para a projeção dos orixás enquanto cultura e identidade dos povos de matriz africana.

Não há quem não conheça no Brasil trechos da canção ‘D’Oxum’, de Gerônimo: “Nessa cidade todo mundo é d’Oxum, homem, menino, menina e mulher.” Então, dessa forma, a população passou a ter um contato maior com um universo que antes era mais restrito e direcionado à religiosidade afro-brasileira. Atualmente, no cenário internacional há, inclusive, a difusão de referências aos orixás na música, como no caso da recém lançada ‘Black Parade’, de Beyoncé, em que Oxum é referenciada como uma das ancestrais africanas da cantora: “Os ancestrais me guiam Um amuleto Ankh em correntes de ouro, com minha energia de Oxum.” Porém, com a difusão do assunto, o efeito colateral ainda é a falta de compreensão sobre a profundidade e complexidade no que toca origem, culto e resistência racial.

Orixás além do Pop

A inserção dos orixás em alguns países está para além do culto à ancestralidade africana. A adesão está diretamente relacionada, em alguns casos, ao processo diaspórico africano, uma das maiores violências sofridas por esta população durante o período escravagista e colonial. A migração forçada para países da América do Sul e Central trouxe os africanos e também seus ancestrais. No Brasil, houve o desembarque de três grupos etnolinguísticos: os povos iorubás (território que compreende a atual Nigéria), os povos fons (território que compreende o atual Benin) e os povos bantos (território que compreende alguns países da África Setentrional, como Angola e Moçambique).

Os orixás são umas das divindades cultuadas no Brasil, herança deixada pelos povos iorubás. Porém, há também o culto dos voduns (dos povos fons) e dos nkisis (dos povos bantos). As divindades passaram a ser cultuadas de forma religiosa quando estes panteões se constelam nas três nações do Candomblé, religião originada no Brasil por meio da resistência da supressão identitária dos africanos e seus descendentes. As três nações do Candomblé são: Ketu (com o culto dos orixás), Jeje (com o culto dos voduns) e Angola (com o culto dos nkisis) - mas isso é pauta para outro artigo, *risos*.



Coleção SANTO - Naya Violeta

Os orixás do panteão iorubá

É importante entender os orixás como ancestrais africanos divinizados dos povos iorubás. Ou seja, seu culto está atrelado à descendência de uma população, de familiares às divindades específicas de acordo com os territórios nigerianos. Como no processo diaspórico aportaram no Brasil africanos de diferentes regiões que conviveram durante o escravagismo, essas divindades que também remontam passagens migratórias por alguns lugares da África em seus itans (histórias) foram correlacionadas em seus cultos.

Posteriormente, africanos e descendentes atrelaram seus cultos às confrarias religiosas, se valendo da estrutura católica (religião do colonizador), até chegar ao que se entende por Candomblé, estrutura religiosa com nações distintas e um panteão de divindades constelado. Compreendendo dessa forma, o Candomblé é uma resistência profunda política, cultural e identitária. É a perpetuação da ancestralidade africana e do que se é frente a um sistema racista.

O Panteão

Para além de Ogum, Oxóssi, Iansã, Oxum, Iemanjá e Oxalá, orixás popularizados nas músicas, danças e televisão, há muito mais, há outras divindades cultuadas até hoje:

Exu: é o primeiro a ser cultuado pela ordem do panteão iorubá. Exu reúne os quatro elementos primordiais da vida, o ar; o fogo; a terra e a água. Exu é o movimento, transportador do axé, que estabelece a existência e os caminhos. É também o mensageiro, aquele que leva as oferendas e estabelece a conexão entre humanos e orixás. Por isso é diretamente relacionado à comunicação. É também a boca do universo, a boca que tudo come.

Ogum: é um orixá amplamente difundido no Brasil por ser guerreiro, alcunha facilmente aderida por brasileiros que simpatizam com este tipo de figura. Sendo guerreiro expedicionário Ogum abre caminhos e está relacionado a forja, aos metais. Por isso, são atribuídas a ele as armas e a tecnologia adquirida a partir da metalurgia. Ogum é considerado irmão de Exu.

Oxóssi: é um dos caçadores cultuados, por isso, é um Odé (título dado aos caçadores). A prosperidade é atrelada à Oxóssi por ser responsável pela caça e, conseqüentemente, pela entrada de comida dentro dos lares. É um grande conhecedor das florestas e patrono do Candomblé de nação iorubá (o Candomblé Ketu).

Logun Edé: é um caçador da cidade de Edé (território que compreende atual Nigéria), feiticeiro relacionado à Oxum, a quem afirma maternidade, aos Odés (por ser caçador), à Ogum e à Obatalá. É relacionado aos rios e florestas.

Ossain: também relacionado às florestas, por viver no interior delas, Ossain é um grande curandeiro, responsável por deter os segredos das folhas, sem elas, não é possível realizar liturgias necessárias no culto ancestral africano.

Obaluaiye: é um orixá temido por estar relacionado a doenças (mistérios e curas). Considerado um grande feiticeiro, Obaluaiye tem domínio sobre os antídotos das mazelas da saúde. Também está ligado aos renascimentos, no ciclo da vida e da morte. É relacionado à quentura, ao sol do meio-dia, à terra seca e quente, ao interior.

Oxumarê: tem em seu culto curiosidades que retratam questões diaspóricas, pois há discussões sobre sua relação com o povo fon e embates territoriais, transformando-se em súdito de Xangô na perda territorial travada entre Daomé (atual Benin) e Oyó (Nigéria). Oxumarê é irmão de Obaluaiye e está relacionado ao movimento, ao ciclo vital e é considerado um grande adivinho (babalawo). É representado pelo arco-íris.

Xangô: divinizado como orixá, Xangô foi aalafin de Oyó (rei na região que atualmente integra a Nigéria), tendo correlação com Oraniyan e Oduduwa. A dinastia de Xangô permanece até os dias atuais. Xangô intercede a favor da justiça e é relacionado ao fogo e aos raios.

Obá: relacionada ao fogo arcaico, a orixá é considerada uma das mulheres mais velhas de Xangô e patrona da sociedade feminina de Eleeko.

Oyá (Iansã): conhecida como Oyá ou Iansã é uma divindade feminina considerada uma das esposas de Xangô e de Ogum. É relacionada à guerra, ao culto dos antepassados (os egunguns), não à toa, é Iya Mesan Orun (a mãe dos nove espaços do Orun). Oyá é ligada à realeza (a rainha de Irá, uma das regiões que atualmente compreende a Nigéria) e relacionada ao fogo, aos raios, às tempestades e aos ventos.

Oxum: é uma orixá relacionada aos princípios femininos como a menstruação e a fertilidade. É senhora da sociedade e tem correlação com Xangô, Ogum, Oxóssi e Obatalá. Tendo passagens correlacionadas à realeza e à caça. O principal elemento de Oxum é a água.

Yewá: orixá considerada rara por especificidades de sua liturgia, é correlacionada à beleza e à virgindade feminina. Tem ligação com Xangô e com Oxumarê. Seu elemento também é a água e tem ligação com o arco-íris.

Iemanjá: orixá feminina mais conhecida no Brasil é amplamente difundida assim como Ogum. Iemanjá apesar de estar relacionada aos mares brasileiros, é uma divindade de água doce. É relacionada ao feminino, ao útero, aos filhos, mãe dos oris (cabeças) - que reestabelece o equilíbrio.

Naná: é um antigo culto ancestral relacionado aos antepassados, à morte e seus mistérios. Tem correlação com a água, com a terra e a lama. É considerada mãe de Oxumarê e Obaluaiye.

Oxalá: reúne dois cultos de divindades funfun (relacionada à cor branca) Oxalufan, considerado o grande genitor masculino, e Oxaguan, rei de Ejibó (região da Nigéria), Obatalá (o rei do alá - o pano branco), guerreiro relacionado à colheita do Inhame.



ORIXÁS



Kim Kurosawa é Designer, formado pela PUC-Rio. Já passou por diversas marcas de moda brasileiras como Farm, Maria Filó, FYI e Lojas Leader. Nas horas vagas ilustra e pinta a mão temas do repertório pessoal, como Orixás, sua ancestralidade japonesa, dentre outros temas.



OXALÁ



OMULU

OMULU



EXU



OSSAIN

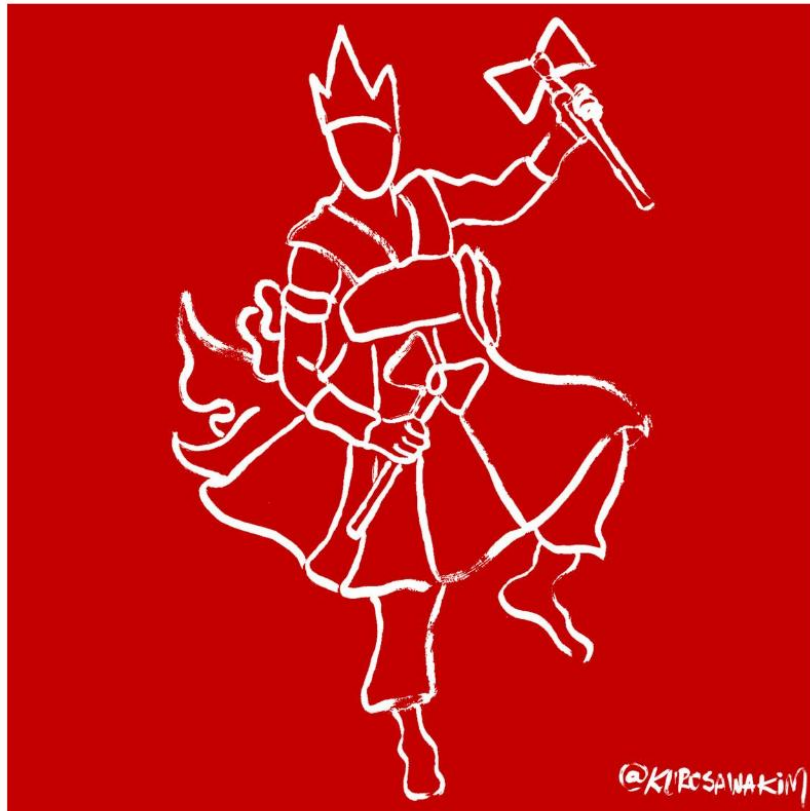


EWA



OXUMARÉ

OXUM



XANGÔ



POMBA-GIRA



CA PO FEI RA

FUGINDO DOS CLICHÊS

TEXTO POR
ALEXANDRE MIGUEL CARNEIRO



Ao desejar e planejar uma viagem para qualquer cidade e país você lerá e procurará se inteirar sobre pontos turísticos, culinária, museus e outros lugares conforme a sua curiosidade. Essas informações serão encontradas na internet e nas várias redes sociais bem como em prospectos, mapas, folhetos turísticos adquiridos ou doados ao chegar no lugar a ser visitado.

Qualquer um que deseja visitar Salvador na Bahia, em sua maioria, quer conhecer a arquitetura, a culinária e o folclore onde se destaca a capoeira, símbolo de resistência que continua a fazer parte do cotidiano da vida soteropolitana.

Nessa manifestação de grupos, participam lutadores que, entre golpes de ataque e defesa, demonstram que além da arte, a cultura prevalece. Tudo leva a crer que a capoeira, um misto de dança e luta, tenha sido criada na Angola e desenvolvida no Brasil pelos escravos e seus descendentes, como meio de defesa, com base em tradições africanas, pois as referências populares e de estudiosos sempre mencionam as capoeiras de Angola e Regional.

Contudo podemos conhecer mais a fundo essa manifestação deixando de lado a mesmice ou clichê que se vê em centros culturais: rodas de capoeira com jogadores e músicos posicionados em círculo, formando a “roda de capoeira”.

Os jogadores se lançam em pares ao centro deste círculo e se movimentam com rapidez ou lentidão de acordo com o ritmo da música, tocada com atabaques, berimbaus, pandeiro, ganzá (espécie de chocalho) e agogô. Os cantos que acompanham a música são chamados “ladainhas” ou “cantos corridos”.

Os pares de jogadores vão se alternando. Aqueles que aguardam sua vez de entrar permanecem sentados e seguem o ritmo com palmas. Para sair do óbvio e conhecer mais profundamente essa manifestação invista um pouco mais de tempo fazendo um passeio pelo Pelourinho. O Tour Capoeirístico é uma extensão do projeto do CTE Capoeiragem (Centro de Treinamento e Estudos da Capoeiragem) que integra os pontos turísticos do Centro Histórico de Salvador com os fatos marcantes da capoeira na cidade.

O CTE selecionou 23 pontos ao longo na região para levar turistas, capoeiristas de outros grupos e curiosos para conhecer mais sobre a história da capoeira. Um dos pontos mais interessantes, por exemplo, é a escultura da Cruz Caída. Ali, Mestre Bimba lutou em um ringue e demonstrou para os adversários como a Capoeira Regional era uma arte marcial eficiente.



ENTRE GOLPES DE ATAQUE E DEFESA, DEMONSTRAM QUE ALÉM DA ARTE, A CULTURA PREVALECE.

Na Rua da Saldanha da Gama, outro local famoso e conhecido crime da Saldanha, onde o capoeira Pedro Mineiro matou dois marinheiros e acabou preso e morto dentro da Secretaria de Polícia do período. O episódio foi transformado em uma das mais icônicas cantigas de capoeira.

Além do mapeamento de pontos representativos para a história da capoeira no Brasil, CTE Capoeiragem também tem um papel importante na formação de jovens, principalmente, estrangeiros que vão até a cidade para aprender sobre a cultura local. Mesmo para os residentes da cidade acaba por ser uma maneira de conhecer mais profundamente essa manifestação cultural tanto reverenciada por turistas de várias partes do Brasil e mundo.

Denominado Mapa da Capoeira, a plataforma utiliza o Google Street View para localizar os usuários nos pontos turísticos e, ao mesmo tempo, disponibilizar curiosidades e fatos históricos que envolvam a capoeira.

Neste projeto se busca sair um pouco do clichê que se configurou e tenta ser algo que abranja não só a questão física mas também mental. Nas aulas também se transmite a história e acontecimentos relevantes de nossa história onde a capoeira, a escravidão, a luta pela auto-afirmação e contra o

preconceito sempre foram e continuam sendo fatores importantes e que fazem essa manifestação cultural uma forma não só de relevância econômica, mas também de exercício da cidadania.

Uma capoeira que não ensina apenas a técnica, o uso do corpo, mas também valores históricos e morais que representam a luta de um povo.

Em tempos de COVID-19 que tal fazer um Tour Capoeirístico virtual pela Bahia?

Visite: <http://www.mapadacapoeira.com.br/>

**ALEXANDRE MIGUEL CARNEIRO
É NATURAL DO RIO DE JANEIRO,
PROFESSOR DE HISTÓRIA NAS
REDES ESTADUAL E MUNICIPAL,
AMANTE DE VIAGENS A SÍTIOS
HISTÓRICOS E ARQUEOLÓGICOS.
POETA E ESCRITOR DE CIDADES
E CAMINHOS HISTÓRICOS JÁ
EMPREENDIDOS.**



Oliver Toffi

CASÉ MOTA



Handwritten signature

CASÉ MOTA



Carlos José Mota, artista e designer gráfico, 33 anos, passou por muitos processos e ciclos em seu meio, navegando em ambientes como a colagem, aquarela, xilogravura e, por fim, estaciona na funcionalidade e complexidade do nanquim. Desenvolve um estilo próprio e inconfundível de trabalho, que busca aspectos culturais, históricos e informativos do Brasil, alertando o mundo para atos e fatos negligenciados pela própria sociedade brasileira.

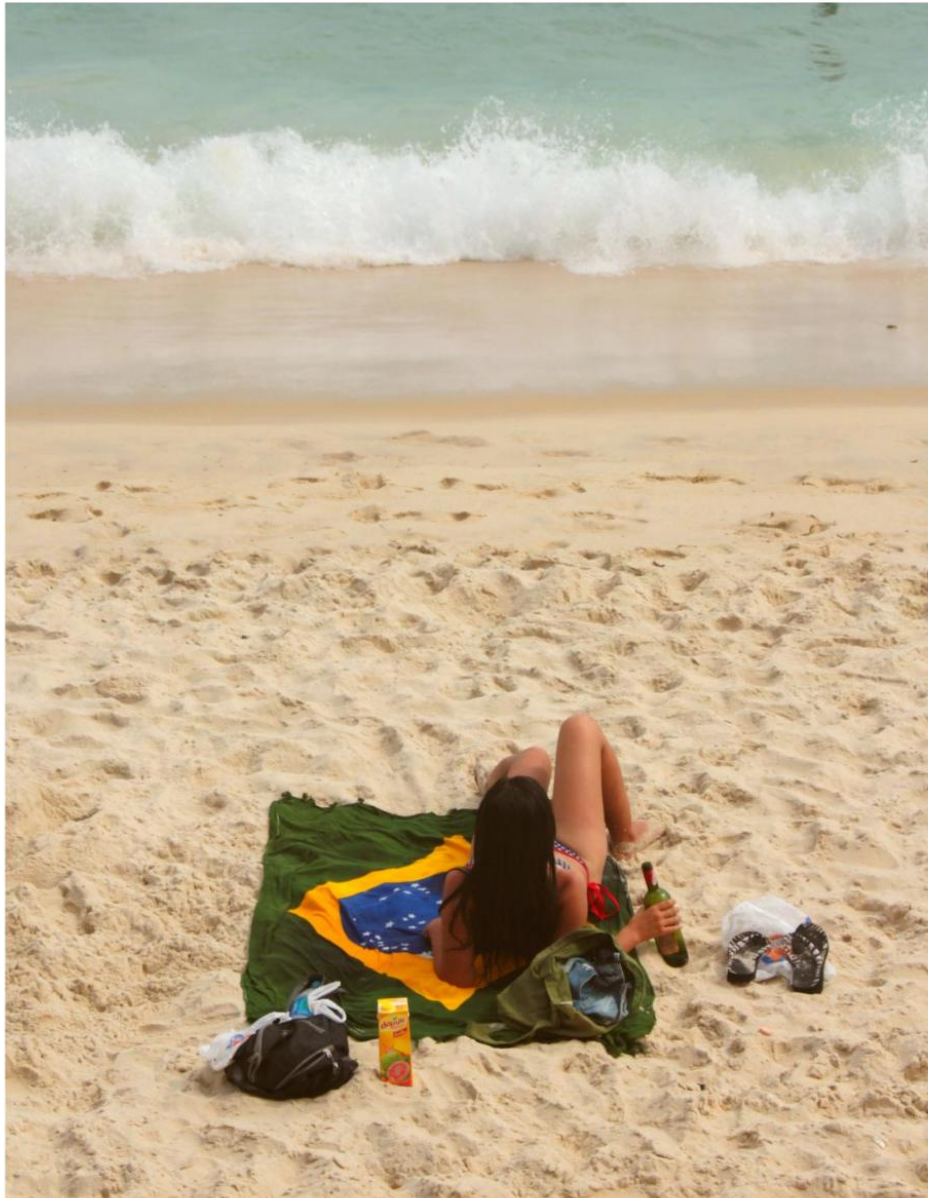
CASÉ MOTA

RODRIGO OKAMURA









Rodrigo Okamura, formado em Administração pela UFRJ, apaixonado por fotografia e pela atmosfera carioca. Após cursos livres no “Ateliê da Imagem” na Urca, segue fotografando de forma independente (@rodokbr) e é proprietário da marca Anok (@anokrj), onde pode por em prática sua paixão por moda e fotografia.”

A PRAIA

Não tem no Brasil

OS SETE MIL QUILÔMETROS DE
BERÇO ESPLÊNDIDO SOBRE O QUAL
DEITA NOSSA TERRA

POR CASSIUS BRANCO



Reconhecer o privilégio de acordar todos os dias em um país com mais de sete mil quilômetros de litoral, dos quais, muitas centenas são de praias, me provoca, há muito tempo, um gostoso ufanismo. É que, ressalvado meu encantamento com as belezas e riquezas dos diversos biomas que compõem nosso território – às quais eu rendo os melhores elogios –, pé na areia, para mim, é fundamental.

Falta boa memória pra afirmar com exatidão quando comecei a seguir à risca o sagrado ritual de todo final de semana ensolarado, mas é curioso como o cheiro do protetor solar ainda me transporta para esse primórdio. O que consigo ter como certeza na minha mente é que, para quem foi introduzido na rotina praiana durante a infância, até mesmo construir castelinhos com o corpo besuntado e alvamento usando pazinhas de pequenos desconhecidos, ou quase morrer em apneia durante os solavancos submersos causados pelas ondas indevidamente enfrentadas, ou voltar do mar meio choroso, perdido da minha barraca familiar, carregando um generoso punhado de areia dentro da sunga são apenas detalhes do início de um estilo de vida apaixonante.

PELA IRREVERÊNCIA DE TODOS OS CORPOS NUM DOCE BALANÇO A CAMINHO DO MAR

Para os apaixonados como eu, não tem relevância se o dia de sol começa dentro de um ônibus lotado de pessoas que não precisam ser perguntadas sobre seus destinos para que se saiba aonde irão, ou no interior de um carro com um grupo que vai disputar alguns centímetros de sombra sob o único guarda-sol levado no porta-malas. A paixão move os que só precisam de uma breve caminhada ao som das batidas do chinelo no próprio calcanhar e os que atravessam fronteiras para viver essa experiência nas férias ou no feriado prolongado. Não importa se foi necessário apenas cruzar um calçadão de pedras portuguesas ou percorrer duas horas de trilha sinuosa na companhia de alguém sem preparo físico e mal-humorado: nas areias da praia, nós sabemos, seremos todos recompensados.



Isso porque poucas experiências são tão sensoriais quanto se inserir naquele cenário onde, geograficamente, o mar encontra o continente. A controversa textura da areia e a brisa que vem do mar podem dar as boas-vindas às maravilhas de um mundo de caos e de um mundo de paz que são igualmente viciantes.

Eu sou dependente da praia lotada, onde, espremido, bebo do mais puro suco de verão, independentemente de qual seja a estação do ano. Só assim explico o prazer que sinto com a limitação espacial que me obriga a dividir a mesma canga com alguém e que garante a manutenção da sensação térmica deliciosamente infernal. Sou devoto do burburinho ininterrupto dos bate-papos ao redor que me exige narrativas efusivas e risadas cada vez mais altas. Vejo-me completamente magnetizado por aquela aglomeração à beira mar sob o sol ardente que, constantemente, me convida para um mergulho gelado e para uma cerveja mais gelada ainda.

A praia lotada é uma grande reunião de apaixonados pela descontração própria dos territórios democráticos, pela irreverência de todos os corpos num doce balanço a caminho do mar e pelo calor (humano). E eu, definitivamente, sou um deles. Mas, meu vício me carrega também para onde o barulho das ondas não se abafa pelas conversas extrovertidas, nem pelas ofertas ensurdecedoras de mate, camarão no palito, sanduíche natural ou picolé. Não raro, eu procuro o refúgio da praia vazia, onde o espaço físico se preenche pela imensidão da paisagem que, invariavelmente, me despe dos meus óculos escuros, até quando a pequena extensão de areia sequer pode ser medida em quilômetros. Nela, a água salgada me dá sede de água de coco. Sobre o seu mar de grãos, estou na cama do quarto mais confortável do mundo.

A praia deserta pausa o meu tempo até o sol se pôr e, às vezes, isso é tudo o que eu preciso.

Fazer da praia de Itacoatiara, em Niterói, o meu quintal no meio da minha formação como amante praiano ajudou a construir essa adoração na minha juventude. A sua famosa pedra do Costão - de onde se tem a certeza de que se está no paraíso - testemunhou, paulatinamente, a solidificação dessa paixão.

A praia, quando já não é mais sinônimo de castelinhos e caixotes, pode servir de cenário para tardes intermináveis a uma legião de adolescentes despreocupados que, reunidos em grupos de no mínimo dez, almoçam sanduíche natural, se hidratam com repetidas doses de mate natural, e passam todo o tipo de vergonha até o último raio do sol poente. Não sei dizer quantas notas vermelhas eu posso atribuir aos encontros adolescentes nessa praia, mas não tenho dúvidas de que cada presença marcada pelo surfe no peito, pelo chorinho do mate compartilhado e pelas amizades da areia atribuiu a mim uma característica marcante da minha personalidade e fez cada prova final valer a pena.

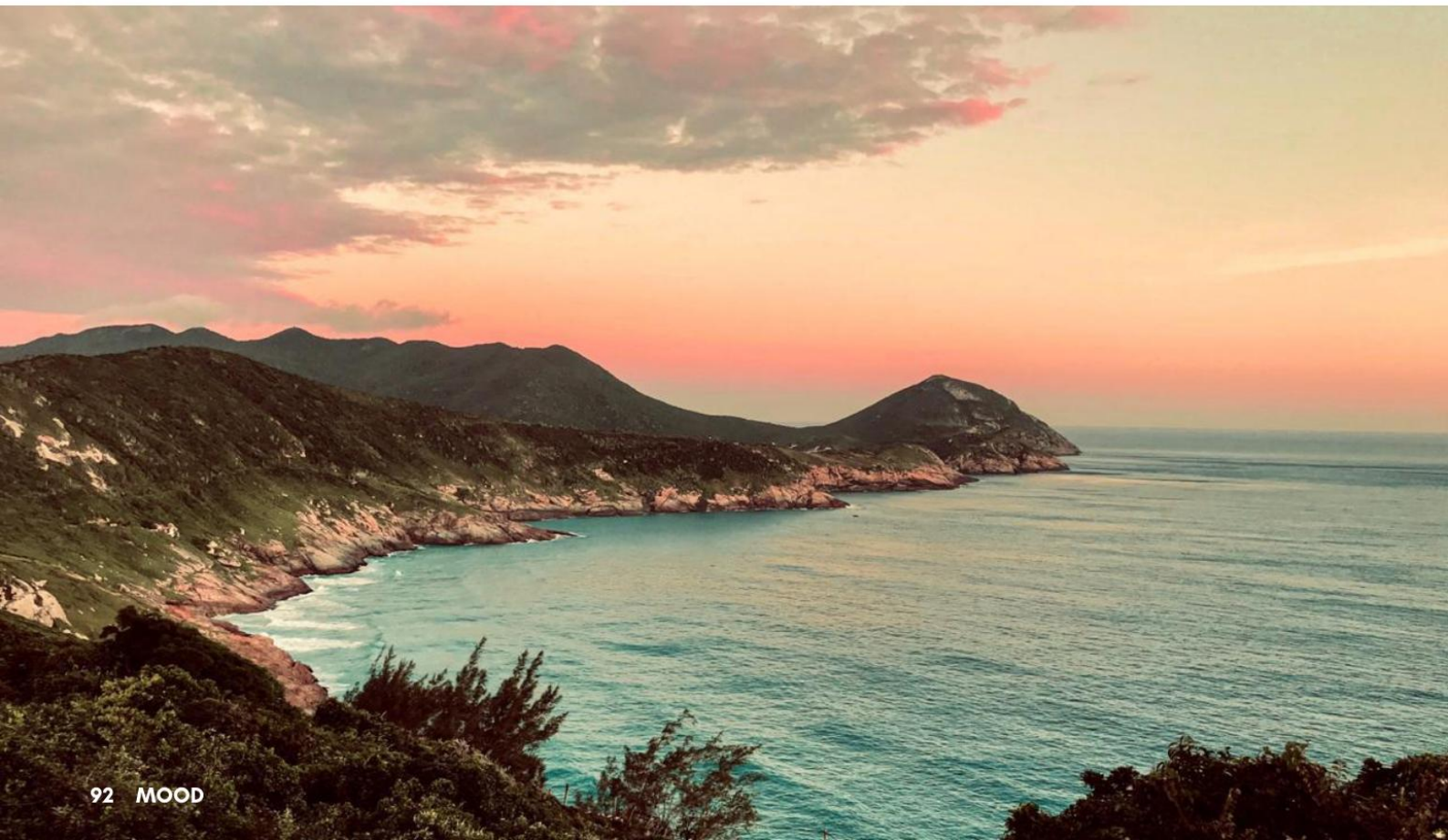
A MANUTENÇÃO DA SENSAÇÃO TÉRMICA DELICIOSAMENTE INFERNAL

Ao longo da vida, a epifania de se encontrar naquela praia sempre foi mantida e reforçada por tantas e tantas outras praias que eu sei que sempre vou ter a sensação de estar no lugar certo quando estiver em uma. É que, pra quem ainda não acertou na loteria, a minha sorte grande é me perceber de frente para o mar, cercado de amigos, de família, de crianças se refrescando e se perdendo momentaneamente, de adolescentes tomando porre de mate em meio a uma algazarra, de locais e suburbanos relaxando com suas cervejas sem hora de partida ou apenas da brisa e de uma paisagem tropical de tirar o fôlego.

É incrível como o mesmo cenário natural me oferece lazer e hospitalidade de formas tão diferentes e, mesmo me trazendo rugas precoces, me faz consultar o serviço de meteorologia com a mesma rigorosa diligência com que verifico meus prazos e compromissos profissionais. Acho que essa é a paixão que os panfletos e guias turísticos, que já tanto atraem novos entusiastas praianos para nosso litoral, não vendem. Ainda bem, né? Ou os sete mil quilômetros de berço esplêndido sobre o qual deita nossa terra, certamente, não seriam suficientes.

Compuseram este texto as praias de Arraial do Cabo, pelo olhar do fotógrafo **Rômulo Tavares**.

Cassius Branco é advogado e adora quando as pessoas se surpreendem quando diz isso. Formado pela UFRJ e pós-graduado pela UERJ, atua na área cível e é totalmente avesso à sisudez que cabe dentro de um terno com gravata. Carrega dos fóruns para o seu cotidiano apenas o amor pelos bons debates, o que faz, preferencialmente, entre amigos e com um copo de cerveja na mão.



ALEA









*Alea é a marca de swimwear de **Marina Trindade**. Muito além do que somente vestir, sempre mantendo em primeiro lugar o conforto com um design que valoriza o que somos, nossas curvas reais e agora olhando para o futuro zelando pelo meio ambiente com tecidos de alta tecnologia 100% Biodegradável e Filtro UVA 50.*



ALGA





Um pouco da história do Biquíni e algumas reflexões

TEXTO POR RAQUEL MOTA

Em seu livro “O Biquíni *Made In Brazil*”, Lillian Pacce inicia afirmando que “O biquíni explodiu como uma ‘bomba atômica’ na Europa, dando o *start* para a revolução sexual e a libertação da mulher em todo o planeta”. Só essa frase já me fez refletir sobre algumas questões. Afinal, o biquíni mais contribuiu para a revolução sexual da mulher ou para maior satisfação daquela famigerada masculinidade? Houve verdadeira libertação da mulher?

Vou começar com um pouco da história do biquíni, um pouco no mundo e muito do Brasil. Quem inventou a peça foi o francês Louis Réard (1887 – 1984), com o slogan “*Bikini*, menor que o menor traje de banho do mundo”, que foi chocante na época. Talvez seja interessante mencionar que a única mulher que aceitou usar a peça para a apresentação da coleção foi uma dançarina de Cassino de 18 anos.

O nome biquíni foi escolhido por conta do atol do Bikini, lá foram realizados os primeiros testes da bomba atômica. Era uma peça controversa porque foi a primeira vez em que uma mulher mostrou o umbigo publicamente. A peça foi proibida em muitos lugares pela provocação que a exposição do corpo causava.

Miriam Etz foi uma das primeiras mulheres a usar a peça em terras brasileiras. Alemã e moradora do Arpoador, Miriam desfilava com seu biquíni confeccionado por ela mesma. Considerava o maiô caro demais e por isso fez a sua própria peça de biquíni – era muito comum naquela época a mulher saber costurar. Seu primeiro biquíni foi feito de lã azul marinho e era desconfortável demais, principalmente quando em contato com a água e em contato com a areia. Por isso, decidiu criar outro com algodão, que é um tecido mais leve e crochê nas laterais para dar elasticidade.

Por onde passava, Miriam causava burburinhos com seu biquíni. Ainda que a praia estivesse com poucos banhistas, ela “parava o trânsito” e era assediada pelos homens. Aliás, o que é considerado até hoje brincadeira para eles não passa de assédio para nós mulheres. Não foram poucas as vezes em que ela precisou se vestir correndo por causa das “brincadeiras”. Isso em 1938.

Em 1950, o biquíni ainda era um tabu no Brasil. Ainda censurado em alguns lugares, apesar da quantidade de adeptas. Vedetes da época, procuravam praias com pouquíssimos banhistas (quase ninguém), para se bronzear com biquínis menores que os trajes que usavam nos shows para esconder a marquinha de biquíni.

Helô Pinheiro tomava sol de biquíni em Ipanema e foi a inspiração na criação de “Garota de Ipanema”

A mídia foi quem impulsionou a aceitação dessa peça polêmica. Filmes internacionais estrelaram os primeiros biquínis. Brigitte Bardot foi uma das primeiras atrizes que apareceu em um filme vestida com a peça para o filme “E Deus criou a mulher” de 1956. A peça era um modelo xadrez estilo *Vichy* com babadinhos. Rapidamente ficou conhecida. Curiosidade: Brigitte Bardot costumava passar suas férias em Búzios onde agora existe uma estátua em sua homenagem. Além dela, quem não lembra da emblemática cena de 007 – Contra o Satânico Dr. No (1962), com a atriz Ursula Andress? Inclusive, essa cena foi recriada por Hale Berry no filme Um novo dia para morrer (2002). Ainda nessa época, Helô Pinheiro tomava sol de biquíni em Ipanema e foi a inspiração de Tom Jobim e Vinícius de Moraes na criação de “Garota de Ipanema”. Música que levou a bossa nova para o mundo!

Os anos 70 foram o começo do biquíni no Brasil. Naquela época, ainda era tabu. Em agosto de 1971, quando Leila Diniz apareceu grávida usando biquíni na praia, foi como uma “bomba atômica” no Brasil: vários protestos criticaram a sua conduta, argumentando que não poderia fazer isso, não era nem casada (oh!). Ela, que costumava ir sempre à praia, não deixou de ir mesmo estando grávida. As gestantes costumavam usar um maiô ou duas peças diferentes para cobrir a barriga.

Afim de amenizar a fama degradante que o Brasil tinha no exterior, a Ditadura usou a imagem sensual da mulher brasileira como estratégia para driblar a péssima imagem por causa das torturas feitas no porão do DOI - CODI (Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna, órgão repressivo do regime). Fotos de mulheres bronzeadas usando biquíni circularam o mundo por meio da EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo) com o objetivo de propagar o Brasil das praias, do mar, das peles bronzeadas, do biquíni, dos corpos. O turismo sexual foi muito incentivado e difundido nesse período. Até os dias atuais homens do mundo todo buscam o Brasil a procura de sexo fácil. As brasileiras carregam essa imagem de mulher fácil através das décadas graças ao eficaz trabalho de objetificação do corpo.

No Brasil, o modelito foi se “modernizando” com o passar do tempo. O biquíni asa delta foi criado nos anos 80 pelo paraibano Arlindo Bumbum, que simplesmente nomeou a sua marca de “Bumbum”. No Rio de Janeiro, a marca era um tremendo sucesso, principalmente em Ipanema. Chocado com o biquíni das gringas que cobria toda a bunda, O Sr. Bumbum, levou a sua marca para fora do país. Para ele aquele biquíni das gringas detonava a mulher. Além do asa delta, nessa mesma época surgiu o provocante biquíni enroladinho, o de lacinho nas laterais e o sutiã cortininha. Aliás o cortininha ainda é um dos mais usados até hoje pelas brasileiras. Quando se achava que o biquíni não poderia ficar menor ainda,

eis que surge o fio dental que é um sucesso até hoje, especialmente para bronzeamento. Conforme o biquíni diminui, a depilação aumenta, deixando apenas uma tira de pêlos pubianos. Essa é a “Brazilian Wax” conhecida mundialmente. Não só a depilação ocupou o dia a dia da mulher brasileira e de algumas gringas, mas também passou a ser uma obrigação da mulher para poder vestir um biquíni. O corpo perfeito também passou a ser necessário. As atividades físicas, cremes de hidratação, contra estria e celulite passaram também a fazer parte da beleza feminina.

Hoje, o Brasil é o país que mais faz cirurgias plásticas, tendo recentemente ultrapassado os EUA. Pessoas do sexo feminino representam cerca de 87% dos pacientes, segundo o ISAPS (International Society of Aesthetic Plastic Surgery). A busca por cirurgias plásticas não para e a indústria aproveita. Mesmo que o país passe por crises essa busca não cessa. Que mulher nunca sofreu por conta de sua aparência? Que mulher não se sentiu desconfortável dentro de um biquíni? Ainda que dentro dos padrões.

O *boom* da década de 80 no Brasil, depois de tantas inovações, fez com que o biquíni brasileiro ficasse conhecido no mundo. Nos anos 90, novas marcas de praia, principalmente as de luxo, fizeram e fazem o nome do biquíni brasileiro até hoje. Inúmeras marcas foram criadas sob o comando feminino, ou seja, com os moldes definidos pelas próprias mulheres, seja considerando a forma do corpo, as várias idades, o conforto, a qualidade, as estampas. Além disso, criaram também peças incrementando o look praiano: bolsas, cangas, saídas de banho e acessórios. Nessa década também, foi o estopim das modelos magérrimas, com padrões europeus, mulheres magras, altas e brancas, que estampavam as capas de revistas e outdoors com biquínis.

Durante os anos 2000 a moda praia no Brasil se consolidou: a escolha dos tecidos, a qualidade do material e a modelagem. Os desfiles de moda nacionais e internacionais serviram para que o biquíni brasileiro fosse reconhecido mundialmente.

A modelagem do biquíni brasileiro, que é mais cavado, usado principalmente por aqui, tomou o seu lugar. Interessante mencionar que foi sob a influência do biquíni que a moda praia masculina criou o “sungão”. Agora, encontramos biquínis em qualquer lugar, desde as lojas mais simples às mais luxuosas. Assim, não pode faltar biquíni no guarda-roupa feminino. Inclusive, atualmente alguns modelos têm sido usados para além das praias, como um *top*. As marcas não param de modernizar e aprimorar a qualidade do produto: tecidos melhores, malhas modernas, com proteção UV, antibacterianas, anti-odor e resistência ao cloro. Ah! Tem até biquíni com aloe vera para promover regeneração e hidratação da pele quando usado.

A reflexão sobre biquíni, é na verdade sobre quem os veste.

Entendendo a trajetória deste item de moda tão brasileiro, afinal, voltamos a pergunta: o biquíni contribuiu para a revolução sexual da mulher ou para a satisfação dos homens? Houve verdadeira libertação da mulher? Sim. Ser mulher é um ato revolucionário. Ser mulher e usar biquíni, aceitando seu corpo, aceitando a velhice, se trata de um ato revolucionário. Ser feliz com quem se é de fato, sendo mulher, não importa a idade, não importa o corpo, não importa um tipo físico, é, repito, um **ATO REVOLUCIONÁRIO**. O Brasil é machista, racista, homofóbico e vai dizer não, vai dizer não o tempo todo. Mas acredite. Acredite em você mulher, acredite em nós e no que viemos para fazer nesse mundo (e não foi só fazer filho). A reflexão sobre biquíni, é na verdade sobre quem os veste. Por isso, use-o, liberte-se, aproveite aquela praia que temos em grande parte desse país como quintal de casa, ou no rio, na cachoeira, na piscina de plástico ou na laje de casa, que seja. Só se liberte das amarras desse mundo. #corpolive



CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO

DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨

PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨



CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE

CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO

DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨



PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨

CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨

CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO

DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨



PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨

CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨

CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO

DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨



PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨

CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨

CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO

DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨

PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨



CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨ CORPO DE PRAIA ✨



**O QUE VOCÊ ACHA
QUE MUDOU NA
VISÃO SOBRE
BRASILIDADE E
SOBRE ESSE BRASIL
CLICHÊ DOS ANOS
80 PRA CÁ?**

*Entrevista de Rafael Ourives
para Brasil Mood*

"O que considero a maior mudança nas imagens é o equilíbrio. Na verdade, nos anos 70 e 80 tínhamos uma linguagem bem mais desequilibrada, mas completamente orgânica. Hoje, não só as marcas de moda, como toda empresa que se comunica por imagem, faz muito planejamento, e o resultado é mais correto e careta."

YES BRAZIL



YES BRAZIL

VERÃO 1986/87

*Foto Frederico Mendes
Styling de Simão Azulay,
Marta Ciribelli e Firmino Bastos
Marta e Firmino além de equipe
de estilo são também são os modelos*

"O Brasil ainda tá em busca da sua imagem própria de moda. Já chegamos muito perto, quando copiávamos adaptando pra nossa tropicalidade. Quando a globalização arrebatou a todos, perdemos o pouco que tínhamos, mas tenho certeza que no mundo pós pandemia olharemos mais pra dentro."

- THOMAS AZULAY, PARADISE





Foto: Miro
Modelo: Xuxa Meneghel
Styling: Thomas Azulay, e Patrick During
Beleza: Ton Reis

COLEÇÃO EM HOMENAGEM A YES BRAZIL, 2019

PARADISE

TURISMO CLICHÊ

ALEXANDRE MIGUEL CARNEIRO

O que é Clichê? No sentido figurado, é uma ideia já muito batida, uma fórmula muito repetida de falar ou escrever, um chavão. São sinônimos da palavra clichê: lugar-comum, repetido, chavão, comum, previsível e repetido.

Em relação à cidade de Salvador da Bahia podemos ressaltar muito de clichê quando desejamos conhecer os meios turísticos, históricos e étnico-sociais. Isto porque quando se fala, ouve, escreve sobre Salvador, já escutamos e lemos os famosos clichês: melhor carnaval do mundo; centro histórico bem demarcado no pelourinho; singular culinária do Brasil; miscigenação e o sincretismo religioso latentes. Podemos mencionar também o modus vivendi do baiano bem como a música com seus famosos compositores e cantores e os próprios ritmos musicais que extrapolam as fronteiras estaduais.

No que diz respeito ao turismo devemos sair um pouco do que está institucionalizado e para isso, é importante ressaltar que Salvador tem três áreas ou zonas quando mencionamos o turismo.

A primeira é a mais divulgada e também romantizada que é a parte histórica onde a cidade do Salvador teve início : centro histórico de Salvador – Pelourinho, com suas ruelas, casas e igrejas antigas que remontam desde a sua fundação em 1549 por Thomé de Souza.

O Pelourinho é um bairro da capital baiana situado no centro histórico. Uma das principais atrações turísticas de Salvador, o Pelô – como é conhecido popularmente – reúne as riquezas arquitetônicas barrocas dos séculos passados. As ruas e vielas enchem de turistas tanto pelo dia quanto à noite. Há excelentes bares e restaurantes para o viajante aproveitar, enquanto sente na pele toda a atmosfera de um ambiente com a história viva e preservada. A igreja de São Francisco, que foi construída em 1723, é mundialmente conhecida pela belíssima decoração. O templo é um dos principais marcos do barroco entre as construções históricas do Brasil e os contornos do interior são decorados com ouro, proporcionando um visual incrível logo na entrada. Mesmo se você não for religioso é recomendado visitar essa igreja que é um verdadeiro marco arquitetônico do país.

Outro local referenciado, situado em frente ao Mercado Modelo, é o Elevador Lacerda e da mesma forma temos o Farol da Barra, um monumento que simboliza a beleza natural de Salvador. O elevador Lacerda faz a ligação entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa e quando foi inaugurado, em 1863, era considerado o elevador mais alto do mundo, com seus imponentes 73 metros de altura.

Em média, 750 mil baianos e turistas fazem a viagem de 22 segundos, por mês. O equipamento foi restaurado em 2002 e toda a sua estrutura é muito bonita.

Principal espaço comercial para o artesanato em Salvador, o Mercado Modelo foi construído no século XIX – mais precisamente em 1861 – e fica localizado na Cidade Baixa. Há vários boxes que comercializam produtos artesanais e as míticas fitinhas do Senhor do Bonfim. No lado de fora do mercado, tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, o turista poderá apreciar a culinária local, apresentações de capoeira ou até mesmo comprar um berimbau.

Esses três lugares formam a tríade mais visitada em Salvador e reforçam o clichê em relação ao turismo. A segunda zona turística de Salvador é também muito divulgada, mas não como a primeira, contudo tem locais muito visitados. O farol da Barra, erguido em 1698, está localizado no Forte de Santo Antônio da Barra – mais antiga construção militar do Brasil (que data de 1534) – e é um dos pontos mais conhecidos em Salvador, sendo identificado por turistas de outras cidades como um monumento símbolo da cidade.

Quem vai ao forte poderá agendar uma visita e subir a torre de 22 metros de altura, para apreciar o visual e conhecer a estrutura interna do monumento. Dentro do forte, o visitante poderá conhecer o Museu Náutico da Bahia, que possui instrumentos de navegação, peças arqueológicas e uma verdadeira mostra do que há de mais representativo nos acontecimentos militares que marcaram a história da primeira capital brasileira.

E por falar em belezas naturais, saudada em versos de Vinicius de Moraes e Caetano Veloso, a praia de Itapuã é uma das mais queridas pelos baianos. Além do famoso farol, ela é envolvida por pedras, águas claras, coqueiros e as piscinas naturais que são formadas em momentos de maré baixa. Erguida em 1772, a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim é a mais icônicas de Salvador. A decoração interior segue o estilo neoclássico, enquanto a fachada é revestida com azulejos de Portugal do século XIX.

A tradicionalíssima "lavagem do Bonfim" é uma comemoração marcante da cidade. Enquanto os blocos de afoxé tocam, algumas baianas lavam as escadarias em um clima que mescla festividade e fé. Uma infinidade de fitinhas do Senhor do Bonfim decoram o lado exterior da igreja.

Podemos incluir nesta segunda área o clichê que chamamos de turismo imaterial que se torna um dos ícones clássicos de Salvador e da Bahia. O carnaval dos trios elétricos traz os principais grupos de axé da Bahia nos famosos desfiles pelas vias mais importantes da cidade, artistas como Ilê Aiyê, Margareth Menezes, Oludum, Ivete Sangalo, Timbalada, Chiclete com Banana e tantos outros, encantam locais e visitantes nos desfiles dos blocos. Ainda falando de festa e alegria, não podemos deixar de falar do Rio Vermelho, um dos bairros mais badalados de Salvador e que possui excelentes bares e restaurantes que animam a vida noturna da capital. O bairro também conserva ares tradicionais e em suas ruas é realizada, no início do mês de fevereiro, a Festa de Iemanjá, na qual, após a partida dos barcos para o mar com oferendas, existem festas com muita música baiana.

Se você está por Itapuã, no Rio Vermelho ou em Amaralina, experimente o Acarajé e Abará. O delicioso bolinho de feijão é a mais famosa das receitas baianas e diante de todo o sucesso, é vendido em praticamente qualquer cidade brasileira. Mas quem já foi em Salvador, sabe muito bem que o quitute vendido por lá tem qualidade diferenciada. Uma terceira área/ zona que não segue o clichê turístico mas que tem uma beleza natural e histórica que se diferencia do normal que constam nos folders e prospectos informativos turísticos é a cidade baixa (Ribeira/ Tainheiros) e o subúrbio ferroviário. Por detrás das mazelas sociais do subúrbio, esconde-se uma bela Salvador, pouco observada pelo olhar desatento do soteropolitano.

Em meio ao aglomerado de bairros, a localidade desnuda encantadoras possibilidades a serem exploradas: natureza abundante, história, cultura e culinária. Desbravar os recantos do Lobato, Enseada do Cabrito, Parque São Bartolomeu, Plataforma, Escada, Tubarão e São Thomé de Paripe, "o paraíso dos presidentes", demanda sair da zona de conforto muitas vezes imposta pelo caos urbano, que limita a visão um pouco mais romântica sobre a cidade. A viagem mais curta para o outro lado de Salvador pode começar com a travessia de barco, a partir da Enseada dos Tainheiros, na Península Itapagipana da Ribeira. A primeira parada é o bairro de Plataforma, separado de São João do Cabrito por uma tênue divisa imaginária. Logo de cara, o visitante é recepcionado pelas ruínas da antiga fábrica têxtil São Brás, construída no final do século XIX, no bairro que deu origem ao subúrbio, quando o conquistador holandês Maurício de Nassau desembarcou na localidade 200 anos antes.

Igreja Nossa Senhora de Escada: Erguida aproximadamente em 1536, em uma colina junto com antiga aldeia indígena de Itacaranha, atual subúrbio ferroviário de Salvador, foi doada em 1572 para os jesuítas. Além da ida à Igreja, o visitante também pode ser contemplado com a vista para a Baía de Todos-os-Santos. No mesmo local, por volta de 1637, os jesuítas erigiram a capela de São Brás, voltada para as águas da Baía de Todos-os-Santos. Numa rápida volta pela praça homônima do santo, ainda é possível ver os casarões da Vila Operária, que ainda resistem à modernização das moradias.

Parque São Bartolomeu: Considerada a única reserva de Mata Atlântica em área urbana do Brasil, o parque é um importante espaço de preservação ambiental e guarda as simbologias da religião ancestral africana em suas árvores, águas e matas. No local, também está situada a Mata do Urubu, onde se instalaram os primeiros índios tupinambás e

depois centenas de quilombolas localizado no Sítio Histórico de Pirajá, Vale do Rio do Cobre – Suburbana Caso o interesse seja fazer um roteiro apenas contemplativo, o passeio ao subúrbio também pode ser feito de trem. Desde a Calçada até Paripe, o passageiro percorre dez estações em 13 quilômetros, a maior parte deles sentindo a brisa do mar. No trajeto, vale destacar o cruzamento sobre a ponte São João, considerada o cartão-postal do subúrbio. Com um vão de 450 metros, a obra de engenharia construída a mando do imperador dom Pedro II, originalmente em 1860, divide ao meio as enseadas do Cabrito e dos Tainheiros. Da janela esquerda sentido Paripe, tem-se uma vista panorâmica de Salvador: Ribeira, Ponta do Humaitá e Farol da Barra. Do lado direito, é possível ver o balé das garças, ávidas pelos peixes trazidos por pescadores ao Porto das Sardinhas, em São João do Cabrito. Por terra, o principal acesso à região é a avenida Afrânio Peixoto, conhecida como Suburbana. São 13 km entre a Baixa do Fiscal e o bairro de Coutos.

No caminho, vale parar no Parque São Bartolomeu, área de 75 hectares, que já foi habitada pelos tupinambás, no século XVI. Para ir às melhores praias da região, Tubarão e São Thomé de Paripe, a alternativa é encarar os 10 quilômetros da BA-528 (Estrada do Derba), a partir de Águas Claras, na BR-324. Como podemos ler e notar o subúrbio e Ribeira tem muito a oferecer em sua parte turística e nesta área/zona de Salvador podemos realmente observar também com mais essência aqueles clichês bastantes mencionados mundo afora: a miscigenação e religiosidade soteropolitana.

Casa da Escada Colorida espera reabrir as portas na Escadaria de Azulejos do Selarón

Espaço cultural inaugurado na Lapa com residência artística, área para oficinas e workshops, café e espaço para exposições.

Entrevista e adaptação por Amina Bawa

Em plena Escadaria do Selarón - o terceiro ponto turístico mais visitado do Rio de Janeiro depois do Cristo Redentor e do Bondinho do Pão de Açúcar -, está a Casa da Escada Colorida. Espaço cultural inaugurado em setembro de 2019, na Lapa conta com residência artística, áreas para oficinas e workshops, café e espaço de exposições. Projeto sonhado e desenvolvido ao longo de vinte anos pelo economista e empreendedor carioca Bruno Girardi que uniu-se a um "Conselho Criativo" com a museóloga com foco em arte contemporânea e curadora Camila Pinho, a produtora executiva e curadora Rachel Balassiano, amigos e parceiros educadores para que juntos pudessem pensar a Casa e desenvolver suas propostas mostrando que pequenas iniciativas privadas podem render grandes projetos, focados na região e que abasteçam cariocas e turistas de arte e café de qualidade durante a visita.

O nome foi herdado do próprio Selarón, artista que tinha uma proposta de uma arte viva e em constante mutação, e que criou pessoalmente a fachada da casa, batizando o espaço muito antes dele se tornar o que é hoje. Um espaço de arte e acolhimento criativo, no epicentro de um entorno pulsante que não para de crescer e se modificar. É a micropolítica dando as caras com esforço e afeto: Faça cultura na sua vizinhança, conheça o entorno e forme público. Propondo ser um espaço de escuta e acolhimento dando espaço não só para artistas residentes, bem como coletivos. A Primeira Ocupação terminou em janeiro deste ano e foi uma residência com dez jovens artistas, entre 18 e 28 anos em início de carreira, que montaram seus ateliês nas salas e espaços do segundo andar da casa. Assim como os da Segunda Ocupação, eles tiveram seis meses para conviver, trabalhar, desenvolver projetos, aprofundar pesquisas e trocas criativas. Alguns dos artistas residentes foram Pedro Carneiro e Sabrina Collares que fazem parte desta edição.

Enquanto os artistas produzem, a equipe da Casa organiza conversas (online e presenciais) individuais e em grupo, acompanhamentos de produção, leituras de portfólio, visitas de artistas experientes para falas e workshops e propõe, junto com o grupo, a curadoria e a realização de uma exposição coletiva para o fechamento do ciclo. Em fevereiro de 2020, a Casa começou a Segunda Ocupação. Outra opção pensada para a experiência do visitante é o Café Colorido que oferece cafés de grãos especiais brasileiros. O público poderá, além de provar os cafés, levar pacotes do blend da casa vendido em embalagens de 250g. Acontecem degustações de grãos selecionados por baristas, e a ideia é tornar o local um ponto de referência para um bom café, além de um cardápio especial assinado pelo chef Gustavo Fonseca nos eventos da Casa. Também foram realizados workshops de criação e de bordado livre, sarau de poesia e para os próximos meses estão planejadas oficinas de encadernação, graffiti, bordado em superfícies não tradicionais, workshop de sensibilização corporal para artistas e um cineclubes com debates. A Casa está aberta para receber propostas de cursos e workshops que envolvam arte, corpo, memória e pesquisa do entorno da escadaria, sua história e seus personagens.

*Serviço: Casa da Escada Colorida
Endereço: Rua Manuel Carneiro, 18 - Lapa, Rio de Janeiro.
www.casadaescadacolorida.com
info@casadaescadacolorida.com
@casadaescadacolorida
Contato / Direção Geral: Bruno Girardi
Direção Criativa: Camila Pinho e Rachel Balassiano*



Rafael Couto - Residente da Casa



Cibele Nogueira - Residente da Casa





برازیل
مود

MOOD

WWW.BRASILMOOD.COM